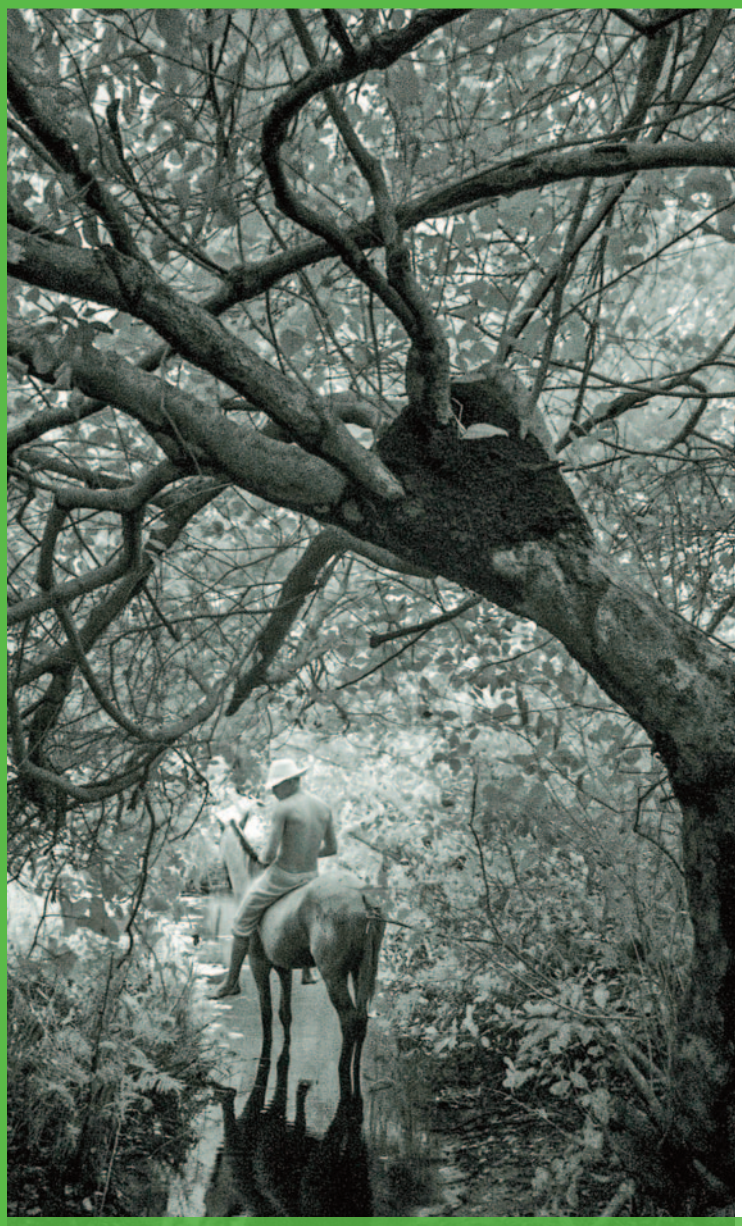
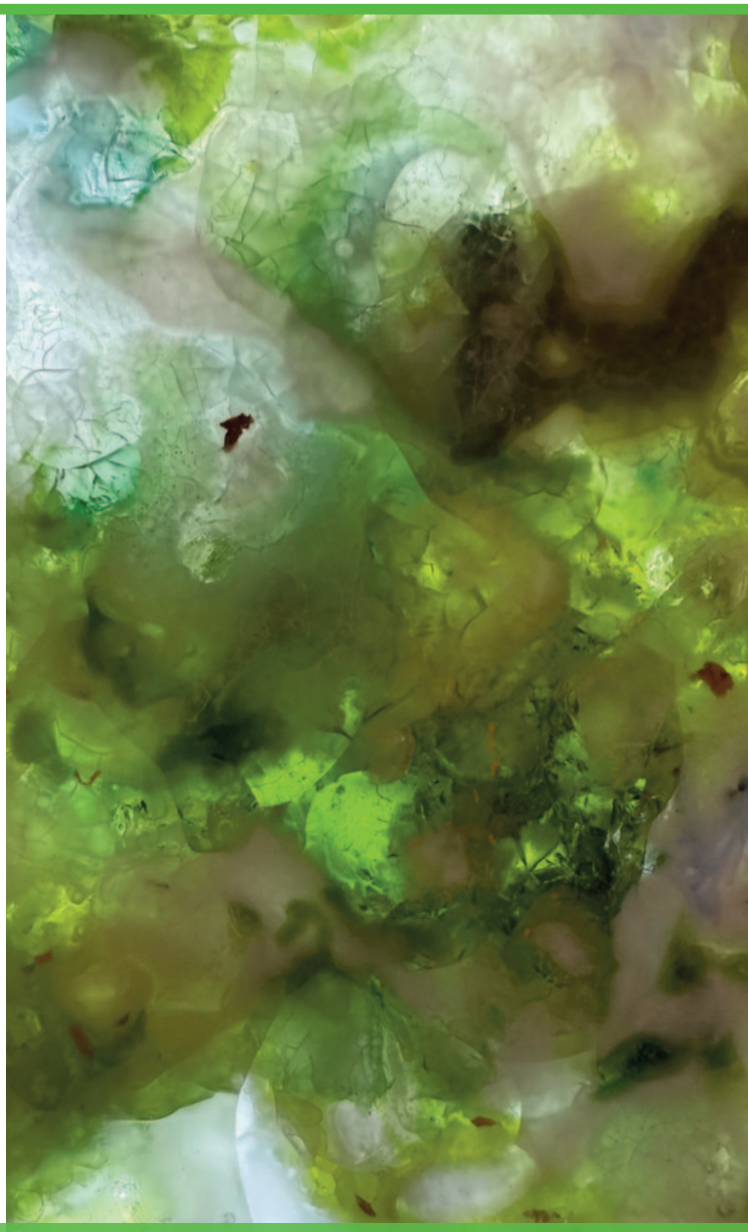
OXIGÊNIO

DEZEMBRO 2025 | 0 | NÚMERO 76





LUIZ BRAGA e RENATO BEZERRA DE MELLO NO PAÇO IMPERIAL, RJ

EDITORIAL

A memória é o primeiro gesto de criação: um território vivo onde o passado pulsa, cheio de frestas por onde o afeto se infiltra. É nela que repousam os fragmentos que nos compõem – lembranças nítidas ou borradas, pequenos brilhos guardados sem razão aparente. Quando esses vestígios encontram o afeto, algo se acende: o que era apenas registro se torna presença.

Entre memória e afeto, nasce o impulso da transformação. Afinal, recordar não é voltar atrás, mas reorganizar o mundo desde dentro. Cada lembrança toca o presente como matéria em trânsito, suscetível ao gesto que modela, desloca, reinventa.

E é nesse instante que a criação acontece. Criar é ativar a memória pelo afeto; é converter o vivido em possibilidade. É reconhecer que o que nos atravessa pode se tornar forma: palavra, cor, corpo, som, arte!

As exposições *"Arquipélago Imaginário"*, de Luiz Braga, e *"Tudo o que é frágil brilha sem medo do esplendor"*, de Renato Bezerra de Mello, destacadas na capa desta edição, são ótimos exemplos.

Boa leitura, Feliz Natal!

Capa:
À esquerda – Luiz Braga, *Cavaleiro Marajoara*, 2018 – Exposição *Arquipélago Imaginário*;
à direita – Renato Bezerra de Mello, *Transparências*, Exposição *Tudo o que é frágil brilha sem medo do esplendor: o palimpsesto de Renato Bezerra de Mello – Foto: Divulgação*
As duas exposições no *Centro Cultural do Patrimônio Paço Imperial*, RJ

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato
Colaboradora: Maurette Brandt

(21) 97326-6868 / 3807-6497 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

ÍNDICE

04 **TEATRO:** *(Um) Ensaio Sobre a Cegueira* | Orbivagante Núcleo de Teatro encena *LoKona,* livremente inspirada na obra *Elogio da Loucura* | *Sabius, Os Moleques,* de Gerald Thomas, no Teatro Raul Cortez – Sesc 14 Bis, em São Paulo

10 **MATÉRIA DE CAPA:** *Arquipélago Imaginário* – Luiz Braga celebra 50 anos de carreira no Paço Imperial, RJ

17 **MATÉRIA DE CAPA:** *Tudo o que é frágil brilha sem medo do esplendor* – O palimpsesto de Renato Bezerra de Mello

24 Exposição no Museu do Ipiranga, em São Paulo, reinterpreta o Brasil de Debret, sob o olhar de artistas contemporâneos

30 Galeria Anita Schwartz, RJ, anuncia exposição dos 30 artistas selecionados no Projeto GAS 2025/2026

34 Casa da Cultura do Parque mergulha no acervo Pinho de Almeida com três novas mostras

38 O Museu Vassouras recebe *Chegança*

43 Cura Macro entrega o maior macromural do Brasil, assinado pelo coletivo indígena MAHKU, em Nova Lima, MG

46 Com obras de grandes mestres, a Galeria Duque comemora seus 13 anos, em Porto Alegre

49 *Maria Klabin – Lingua d'Água*, na Nara Roesler São Paulo

54 *Not Vital – Tirando Onda, no MAC Niterói*

58 *Patrícia Pedrosa – Eu aos pedaços ou Ainda assim eu vou* – Centro Cultural Correios Rio de Janeiro

62 Galeria Pórtico, o novo espaço dedicado à arte contemporânea em São Paulo

66 **DIRETO DE LONDRES:** A alma do olhar de Lee Miller

70 Solar dos Abacaxis – 10 Anos

73 *Rusá – Devoção e Celebração*: exposição fotográfica leva encanto da Festa do Rosário do Serro ao Museu da Inconfidência, em Ouro Preto

78 **OXIGENE: Exposições:** *A cor no espaço bailarino,* de João Carlos Galvão – Galeria Patricia Costa, RJ | *Rendando Histórias* – Museu A CASA do Objeto Brasileiro, SP | *Amazônidas* – Centro Cultural Correios RJ | *Carmen, Embaixatriz do Samba* – Centro Cultural João Nogueira – Imperator, RJ | *Gilberto Salvador – Geometria Visceral* – Paço Imperial, RJ – **Cinema:** Longa *Bola por Alto!* chega ao streaming e ao Canal Brasil – **Teatro:** *Professor Samba* – o legado de Ismael Silva no Imperator – **Espetáculo:** Orquestra à base de água – Espetáculo inédito de Natal – Parque Nacional do Iguaçu | Música no Assyrio – Theatro Municipal RJ – Kabarett ao Revés – dia 7 de dezembro

(UM) ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA



Foto: Guto Muniz

No ano em que o livro de Saramago completa três décadas, grupo mineiro Galpão apresenta obra em várias cidades do país

As alegorias – e as potentes vírgulas – do escritor José Saramago (1922-2010) encontram a infinitude cênica e poética do Grupo Galpão. *"(Um) Ensaio sobre a Cegueira"*, o mais recente espetáculo da companhia mineira, é inspirado no romance do autor português, vencedor, em 1998, do Prêmio Nobel de Literatura – com direção e dramaturgia de Rodrigo Portella e direção musical de Federico Puppi. Na clássica obra, lançada há exatos 30 anos, uma epidemia



Foto: Guto Muniz

assola a cidade, privando seus habitantes de enxergar o mundo. Em tal contexto, questões ligadas à moral, à ética e à vida em comunidade são postas em xeque.

A EXPERIÊNCIA

Em *(Um) Ensaio sobre a Cegueira*, adaptação do romance de José Saramago escrita e dirigida por Rodrigo Portella, o Grupo Galpão propõe uma experiência em que a imaginação do público assume papel central. No espaço cênico despojado, sem cenário ou artifícios, os próprios atores manipulam objetos, luz e som – e constroem diante da plateia as imagens e situações da narrativa. A encenação aposta na teatralidade explícita e na sugestão em lugar da representação literal, convidando o espectador a completar o que não se mostra. Em determinados momentos, o público é integrado à ação: pessoas são vendadas e inseridas na cena como novos grupos de cegos que chegam ao manicômio, o que modifica a relação entre quem assiste e o que é encenado, aproximando ficção e realidade. Participam da encenação as pessoas que adquirirem o *"Ingresso Experiência"*.

A MONTAGEM

Contada por meio da prosa ensaística de Saramago, a história sobre a "cegueira branca" que se espalha em diversas partes do mundo não é apenas uma meditação sobre a perda e a fragilidade humanas, mas também uma potente alegoria acerca dos frágeis limites éticos que nos separam da barbárie. *"A obra revela o modo como, em um mundo despojado das aparências, enxergamos realmente quem somos e o que, em essência, significa ser humano",* destaca Rodrigo Portella, para quem a narrativa do grande escritor português se revela repleta de paralelismos:*"A cegueira pode ser uma metáfora da perda de sentido e do senso de humanidade, assim como de nossa capacidade de enxergar além do que se vê".*

Segundo Eduardo Moreira, ator e um dos fundadores do Galpão, a ideia de um mundo em que *"não cegamos",* mas onde *"estamos cegos"* – *"cegos que veem", "cegos que, vendo, não veem"* – garante a exata dimensão da extraordinária atualidade da obra de Saramago e de sua capacidade de dialogar com as grandes questões e mazelas do nosso tempo. *"É um convite para que possamos fechar os olhos e, finalmente, ver"*.

Na opinião de Rodrigo Portella, em Saramago, vê-se algo como o ofuscamento do saber ou a representação da ignorância, da curiosidade e do interesse genuíno no coletivo. *"Para mim, a obra é a alegoria, quase satírica, de uma sociedade mergulhada numa espécie de produtivismo capitalista, que o próprio Saramago chama de mal branco. Não é sobre não poder ver, como uma deficiência visual; é sobre não enxergar o que se vê"*, analisa.

Saramago escreve: *"Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara"*. Para o diretor da peça, o verbo "reparar"

pode, aqui, significar a possibilidade de acessar as camadas mais profundas da visão: *"Talvez, Saramago esteja propondo uma epidemia de cegueira como forma de nos proporcionar algum aprendizado. Passar por toda a privação da autonomia, de serviços básicos, ter que lutar pelo alimento, experimentar o medo irracional, o horror da banalidade do mal, para, enfim, dar-se conta da necessidade de reparar – mudar, ajustar o sistema, retornar ao essencial; como se toda a jornada na escuridão fosse um caminho de evolução em relação à consciência e à necessidade de reafirmação e reiteração do pacto civilizatório"*.

SERVIÇO

(Um) Ensaio sobre a cegueira: Grupo Galpão
Até 14 de dezembro
Sesc 24 de maio
Rua 24 de Maio, 109, República, São Paulo / SP

Dias/Horários: quinta a sábado, às 19h; domingo, às 18h; as sessões com acessibilidade em Libras serão às quintas e aos domingos; as sessões com Audiodescrição serão aos domingos.
Ingressos: no site sescsp.org.br/24demaio ou através do aplicativo Credencial Sesc SP e nas bilheterias das unidades Sesc SP.

Ingresso Experiência – Válido para maiores de 18 anos. A compra é única e intransferível. Inclui participação guiada pelo elenco, com locomoção no palco, de olhos vendados, durante cerca de 60 minutos da peça. O primeiro ato a pessoa assiste o espetáculo da plateia; e, no segundo ato, participa vendada em cima do palco; 14 pessoas participam da experiência. É necessário chegar com 30 minutos de antecedência para orientações – atrasos inviabilizam a participação, mas o espetáculo poderá ser assistido normalmente. Use roupas e calçados confortáveis. A experiência aborda temas sensíveis e inclui indicação de violência sexual. Ao participar, você autoriza o uso de sua imagem pelo Grupo Galpão mediante assinatura de termo.
Classificação: 16 anos | *Duração:* 140 minutos

Foto: Fernando Lara





Foto: Kaligari Fotografia

Orbivagante Núcleo de Teatro encena LOKONA, livremente inspirada na obra *Elogio da Loucura*

Espetáculo reflete sobre a sociedade contemporânea e a lógica das aparências

Inspirado em *Elogio da Loucura*, escrito pelo humanista holandês Erasmo de Rotterdam em 1508, o Orbivagante apresenta *LoKona*, até 17 de dezembro, no Teatro Manás Laboratório, em São Paulo. A encenação atualiza os questionamentos do texto do século XVI. *"Rotterdam buscou denunciar os vícios e desvios de sua sociedade. Para isso, evocou a figura divina da Loucura, capaz de observar o mundo de um ponto de vista singular e falar com total liberdade"*, explica o diretor Dino Bernardi.

"Criamos um apresentador com traços de um psicólogo tresloucado que chama ao palco Lou Lou Divine, uma artista performática. Tiramos da personagem o peso da divindade e a colocamos como representante das artes", diz Bernardi. O elenco reúne Karina Giannecchini, Fernando Aveiro e Fábio Evangelista, responsável também pela música ao vivo.

O grupo investiga como lucidez e loucura se atravessam, sem serem necessariamente opostas. Debatem o mundo acelerado do 5G, com suas múltiplas conexões que aproximam e atomizam, sem perder de vista a figura humana em sua pretensa racionalidade. *"É como se estivéssemos presos às telas, perdendo a capacidade de nos relacionar e sentir empatia",* observa Aveiro.

LoKona assume a forma de uma farsa: exageros, humor e constante ironia. *"A Loucura entra em cena imponente, quase superior. Aos poucos, revela muitas faces, permitindo que o público se identifique com ela",* comenta Karina. O espetáculo dialoga com a cultura pop e preserva a sagacidade de Rotterdam. *"Tratamos a loucura como um estado necessário para que o indivíduo não reprima sua subjetividade e possa transformá-la em criação",* acrescenta Aveiro.

SINOPSE

O espetáculo dá voz à Loucura, protagonista que assume o posto de comunicadora. Convidada a participar de um talk-show, ela – encarnada em uma mulher –articula diferentes linguagens para refletir sobre tecnologia, velocidade da informação e o dinamismo vertiginoso da vida moderna.

SERVIÇO

Lokona
Até 17 de dezembro
Teatro Manás Laboratório
R. Treze de Maio, 222, Bela Vista, São Paulo / SP
Dias/Horários: segundas, terças e quartas, às 21h
Ingressos: R$ 80 inteira / R$ 40 meia (via Sympla)
Duração: 60 minutos | *Classificação:* 16 anos



Foto: Roberto Setton

"SABIUS, OS MOLEQUES", de Gerald Thomas, no Teatro Raul Cortez – Sesc 14 Bis, em São Paulo

Inspirado no livro *"Quarto de despejo"* de Carolina Maria de Jesus e no clássico de Joseph Conrad *"Heart of Darkness"* (em português *"Coração das Trevas"*) – que serviu como inspiração para o filme *Apocalypse Now* – o autor e diretor Gerald Thomas constrói em *"Sabius, Os Moleques",* uma dramaturgia autoral que faz reverberar sua visão atenta e crítica para o mundo atual.

Na trama, um planeta Terra que sucumbiu à humanidade comete suicídio e cai de sua órbita em uma cratera de outro mundo. Ali, cinco sábios, historicamente de eras distintas, depõem a respeito dos momentos que antecederam ao "acidente" sofrido pela Terra e discutem entre si. Eventualmente são interrompidos por fragmentos de algumas coisas preciosas concebidas pela humanidade – música, pintura, literatura etc. –, relíquias despedaçadas que sobraram de todos os tempos condensados, perdidas no espaço, mas que ficam se repetindo em *looping* durante suas discussões.

"Vamos dizer que esse quarto de despejo da Carolina Maria de Jesus estivesse montado no barco onde Joseph Conrad está subindo o Rio Congo, assistindo impotente às atrocidades que aconteciam diante dele, sem saber como reagir às desgraças do mundo", comenta Gerald Thomas.

O novo espetáculo de Thomas emerge de um olhar visceralmente crítico sobre o presente, utilizando como pano de fundo a sombra persistente de um passado atroz. A montagem mergulha na história interminável de autodestruição da humanidade: desde o horror das guerras e o Holocausto, passando pelo lucro como regra inquestionável, pelo conflito religioso intermitente, pela limpeza étnica, pela supremacia branca hétero-masculina, e por uma miríade de outras crueldades. *"Não é nada como o Terceiro Reich. É muito pior..."*, diz Thomas. *Sabius* é o "pós" de tudo isso; é o encontro do que sobrou.

SERVIÇO

"Sabius, Os Moleques", de Gerald Thomas
Até 21 de dezembro
Teatro Raul Cortez – Sesc 14 Bis
Rua Dr. Plínio Barreto, 285, 2º andar, Bela Vista, São Paulo / SP
Tel.: (11) 3016-7700
Dias/Horários: quintas, sextas e sábados, às 20h; domingos às 18h; sessões extras de 5 a 19/12, sextas, às 15h.
Ingressos: R$ 70,00 (inteira), R$35,00 (meia entrada) e R$ 21,00 (credencial)
Acessibilidade: Audiodescrição nos dias 06/12, às 20h e 07/12, às 18h; Libras nos dias 04 a 06/12, às 20h e 07/12, às 18h.
Classificação: 16 anos | *Duração:* 90 minutos

Fotos: Roberto Setton







ARQUIPÉLAGO IMAGINÁRIO

Luiz Braga celebra 50 anos de carreira no Paço Imperial, RJ



Manhã de Natal, 1985

A grande comemoração dos 50 anos de carreira do fotógrafo paraense Luiz Braga chega ao Paço Imperial, Rio de Janeiro, no dia 9 de dezembro, em exposição concebida pelo Instituto Moreira Salles. A mostra reúne 191 fotografias produzidas da década de 1970 até a atualidade – a maioria delas exibidas apenas uma vez. A seleção destaca a forte conexão do fotógrafo com o seu território de origem e a perspectiva intimista diante dos ambientes e personagens retratados

Com curadoria de Bitu Cassundé, a exposição *"Arquipélago Imaginário"* oferece uma imersão no trabalho do fotógrafo Luiz Braga. Suas imagens retratam paisagens, indivíduos, costumes e tradições do território paraense, capturadas a partir de momentos de troca e de convivência. *"Meu trabalho se debruça sobre o meu lugar"*, orgulha-se Braga, que mantém um acervo organizado de suas fotografias desde o início da carreira, aos 18 anos.

Reconhecido por sua forte conexão com sua terra natal, Braga se dedica a conhecer profundamente os locais que fotografa. *"Visito inúmeras vezes os lugares, o que me permite respeitar os códigos, o ritmo e os costumes locais. A fotografia é uma troca que depende do contato íntimo e pessoal, do diálogo e da imersão no cotidiano das pessoas. Sou, na verdade, um atravessador de afetos"*, brinca o fotógrafo.

São muitos os destaques de *Arquipélago Imaginário*, a começar pelo caráter inédito: a grande maioria das imagens foram apresentadas apenas uma única vez, quando estiveram expostas no IMS paulista. O olhar sensível do curador, apontado pelo artista, é outro ponto alto da mostra, que protagoniza também muitas fotos em preto e branco, da década de 1970. *"Bitu Cassundé apresenta recortes que eu não havia percebido em meu trabalho, como o núcleo* "Sintaxes populares"*, que destaca minhas imagens sobre as caligrafias"*, diz Braga.

Nascido em 1956, em Belém, Luiz Braga começou sua trajetória como fotógrafo na década de 1970, atuando na publicidade antes de se tornar fotógrafo autônomo.





Em cima: *Amizade sagrada*, 2004;
Embaixo: *Pés na missa de domingo*, 2023

Em paralelo, cursou Arquitetura na Universidade Federal do Pará (UFPA). Em 1979, realizou sua primeira exposição individual – e, desde então, passou a colaborar e expor em diversas instituições. *"Não poderia ter escolhido outra profissão; tampouco viver em outro lugar"*, afirma.

A EXPOSIÇÃO

"Arquipélago Imaginário" é composta por nove núcleos: *Sintaxes populares, O Retrato, O Antirretrato*,

Territórios e pertencimentos – o Norte, Nightvision – Mapa do Éden, O outro, o alheio, Arquitetura da intimidade, Afazeres e trabalhos e *O Marajó*. Com uma expografia original e intimista, a seleção de imagens proporciona ao público uma viagem pelos temas e elementos marcantes na obra de Luiz Braga, ressaltando o orgulho de pertencer àquele território e o respeito por cada um dos personagens fotografados.

No início do percurso estão as imagens em preto e branco, que marcam o período inicial de sua produção. Nos núcleos seguintes predominam as fotos coloridas, a faceta mais conhecida de seu trabalho, com ênfase na investigação da Ilha do Marajó nos últimos 20 anos.

Nos primeiros segmentos da exposição, a curadoria reforça a importância do vínculo do fotógrafo com os locais que registra e com as pessoas que os habitam. Imagens da impressionante procissão do Círio de Nazaré, cenas do cotidiano ribeirinho e a arquitetura das casas de palafitas, tradicionais em Belém e arredores, mostram um rico universo. Uma fotografia



Mulher na Transamazônica, 1996







de uma mulher caminhando pela rodovia Transamazônica, feita em 1996, exemplifica essa conexão.

Outra característica central em sua obra são as cenas do interior de residências e estabelecimentos, apresentadas de forma intimista. Detalhes como cortinas, relógios, vasos de flores e ventiladores evocam memórias, afetos e vestígios do tempo. O universo do trabalho também é um tema recorrente, com fotos de profissionais atuando no espaço público, como cabeleireiros, alfaiates, pescadores e açougueiros, geralmente em ação.

Entre as séries apresentadas destaca-se *"Nightvision – Mapa do Éden"*, iniciada em 2006, durante a transição da técnica analógica para o sistema digital. Braga começou a explorar a fotografia noturna, inicialmente em contextos de baixa iluminação, e depois à luz do dia. O resultado são imagens em tons prata-esverdeados que ampliam sua pesquisa cromática. A série oferece uma visualidade fantástica da Amazônia, entre o verde militar e nuances de sombras, criando imagens oníricas que desafiam estereótipos frequentemente associados à região. *"Estes trabalhos promovem uma imersão no território por meio da fabulação e ficção"*, afirma Bitu Cassundé.

De cima para baixo: *Na Casa de Lucimar,* 2021; *Frestas de Luz*, 2023; *Olhos para o Guamá*, 1990



Duas irmãs com tijola na romaria, 1995



Fotógrafo Lambe-lambe II, 1977

Os núcleos *Retrato* e *Antirretrato* também merecem destaque. No primeiro, a curadoria ressalta como os retratos de Braga diferem do formato clássico, no qual o ambiente e os objetos ao redor são fundamentais para compor a cena. Roupas, bolas de futebol e barcos tornam-se protagonistas junto aos indivíduos. Já a seção *Antirretrato* reúne fotografias nas quais as pessoas aparecem geralmente de costas ou de lado, contemplando o horizonte ou imersas em seu cotidiano. *"Esses dois núcleos estão montados de forma que o visitante aprecie os* Retratos *ao entrar e os* Antirretratos *ao sair, como se aquelas pessoas também estivessem saindo"*, revela o curador.





À esquerda: Caraparu, 2010; à direita, *Homem, monumento, 2022*

"Arquipélago Imaginário" se encerra com a série de imagens da Ilha do Marajó, o único núcleo com todas as fotos coloridas e o maior da exposição. Território de histórias e de ancestralidade, imerso nos saberes indígenas que regem a culinária e a língua, a ilha tem sido o foco de investigação de Braga nos últimos anos, com ênfase na forma, na luz equatorial e na cor do arquipélago. A partir do Marajó, Braga sistematiza uma prática focada na escuta e na oralidade, interessada nas histórias das pessoas e nos saberes populares.

Ao visitar a exposição, o público também encontra uma cronobiografia, que reconstitui a trajetória de Braga e identifica elementos centrais da construção de sua obra, como afirma a curadoria: *"A produção de Luiz Braga opera numa instância da convivência com os lugares, no mergulho na dimensão do alheio e numa prática que aciona o afeto como gesto principal. O encontro desses fatores, somados a um fotógrafo que escolhe não apenas permanecer em sua terra natal, mas também a elege como terreno de aprendizado, partilha de vida e investigação, entregam ao mundo uma obra incontornável, tanto para a construção de um imaginário sobre a região quanto para a consolidação da história da fotografia paraense e brasileira."*

Em cartaz até 1º de março de 2026, a mostra conta com recursos de acessibilidade, como pranchas táteis e audiodescrição.

SOBRE O INSTITUTO MOREIRA SALLES

O Instituto Moreira Salles (IMS) é uma instituição cultural fundada em 1987, dedicada à preservação, à pesquisa e à difusão do patrimônio cultural brasileiro. Ao longo de sua atuação, constituiu um amplo Acervo, distribuído nas áreas de Fotografia, Literatura, Iconografia, Música e Arte Contemporânea. O IMS mantém centros culturais nas cidades de São Paulo, Poços de Caldas e Rio de Janeiro (este último está fechado temporariamente para reformas, mas a instituição segue com uma sede administrativa na cidade, no bairro da Glória, onde estão armazenadas as reservas técnicas, sendo possível agendar visitas para pesquisas). Além disso conta com um site institucional, que reúne diversos materiais de acervo, informações sobre programação e outros conteúdos. Realiza também uma extensa programação cultural, que inclui exposições, sessões de cinema, shows, debates e atividades educativas, e lança publicações, entre revistas e livros.

SERVIÇO

Arquipélago Imaginário – Luiz Braga
Abertura: 9 de dezembro, das 15h às 19h
Visitação: até 1º de março de 2026
Centro Cultural do Patrimônio Paço Imperial
Praça Quinze de Novembro, 48, Centro, Rio de Janeiro/RJ
Tel.: (21) 2215-2093 / (21) 2215-2622
E-mail: diretoria@pacoimperial.org.br
Dias/Horários: terça a domingo e feriados, das 12h às 18h
Entrada gratuita
www.amigosdopacoimperial.org.br

Silvio na TV, 1987



Mãos de açaí, 1999

Cachorro-quente, 1985



Cores vizinhas, 2014



TUDO O QUE É FRÁGIL BRILHA SEM MEDO DO ESPLENDOR

O palimpsesto de Renato Bezerra de Mello



Série *Transparências*

A partir de memórias, sentimentos e materiais revisitados, o artista inaugura nova exposição com obras inéditas no Paço Imperial, no Rio

A palavra grega *palimpsesto* significa *"papiro ou pergaminho cujo texto foi raspado para dar lugar a outro"*. De modo figurativo, seria um espaço que abriga memórias sobrepostas – onde o novo surge sobre o que já existia, ou ainda, uma sucessão de diferentes camadas de experiências. Qualquer dessas metáforas encontra lugar na poética dos novos trabalhos de Renato Bezerra de Mello, que comemora 25 anos de produção artística em exposição no Paço Imperial, no Rio de Janeiro, a partir de 9 de dezembro.

Milhares de cacos de taças e copos de cristal, colecionados pelo artista ao longo de duas décadas e quebrados por ele na instalação que criou para sua primeira coletiva no Rio de Janeiro – *Memórias Heterogêneas* –, no Castelinho do Flamengo, em 2004 –, constituem o fio condutor da nova exposição, que contém uma série de sete trabalhos realizados a partir do vidro: *Vidro como vídeo; Vidro como bordado; Vidro como desenho; Vidro amalgamado; Vidro como fotografia; Vidro como pó; Vidro como instalação sonora*.

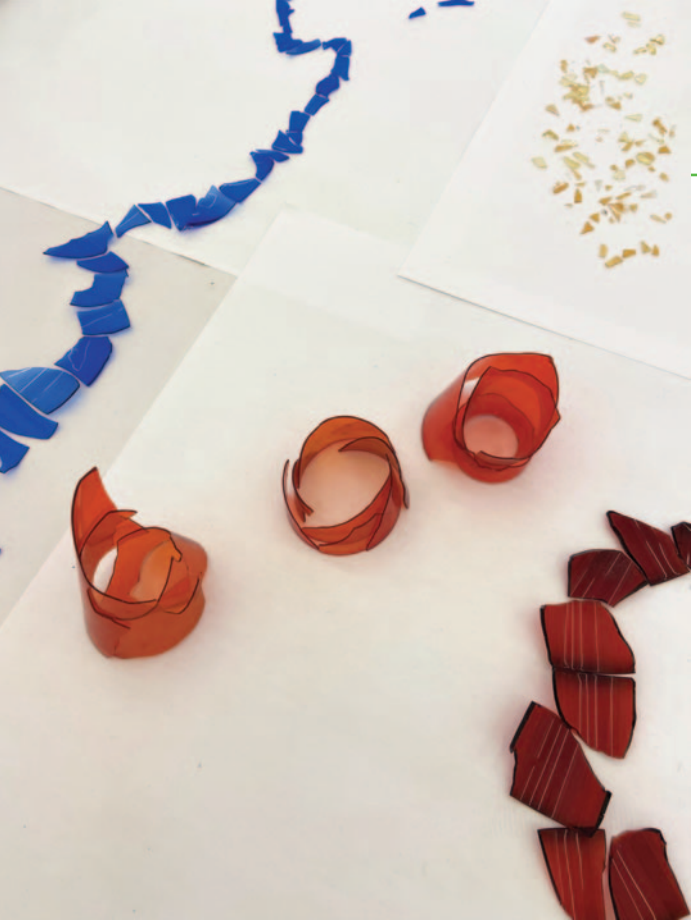
– Renato recupera, nos novos trabalhos, os cacos da obra de 2004 – e os versos de Antonio Cícero, cantados na voz de sua irmã, Marina Lima – que o inspiraram à época: "Quem vai colar os tais caquinhos do velho mundo?" – comenta a curadora Paula Terra-Neale.

– Cada nova obra guarda algo de obras anteriores, diz o artista – cujas obras carregam, em seu DNA, o universo das memórias. *– Sempre relacionei a quebra dos copos no Castelinho à demolição da casa dos meus pais, no Recife, e às ruínas da fábrica de tecidos do meu avô – também em Pernambuco –, registradas em vídeos que fazem parte da mostra. Mas sem nostalgia; ao contrário, como um momento de ruptura, de trans-*

Série *É Vida*









Série *Caquinhos*
Fotos: Divulgação

formação. Assim como eu estou ressignificando o vidro, a natureza se encarregou de mudar a configuração arquitetônica da fábrica, por exemplo, com a mata "invadindo" o espaço – e criando uma nova imagem belíssima – conta Renato.

– *Colecionador de destroços e apreciador do frágil, Renato transforma cacos e ruínas em preciosidades, desafiando a nostalgia e sustentando valores existenciais e humanistas permanentes, ao apontar para a poesia de Armando Freitas Filho* – tudo o que é frágil brilha sem medo do esplendor. *O que nos oferece é o espetáculo esplendoroso do acontecimento da arte. Imagens, vídeos, instalações sonoras, bordados, desenhos e objetos compõem um espaço para a imaginação criativa e afirmam as liberdades pessoais e políticas como antídotos à distopia* – destaca a curadora.

A EXPOSIÇÃO

Um tablado central, paralelo ao chão, ocupa quase todo o espaço da Galeria Terreirinho, no térreo do Paço Imperial. Num jogo harmonioso de cores e formas, desenhos em cacos de vidro, construções lúdico-espaciais e círculos de vidro amalgamados por fusão em alta temperatura misturam-se a objetos/esculturas e composições com várias gramaturas de pó de vidro, como um grande e instigante quebra-cabeças.

Paula Terra-Neale explica que, nos desenhos atuais, Renato elabora uma soma matemática e intuitiva das pequenas peças de cristais, compondo-as livremente, porém alinhadas por suas arestas. – *Os cacos são agrupados a*






Série *Amalgamados*

Fotos: Divulgação

partir de suas cores originais. Não é mais a beleza da forma do objeto utilitário, já destruído, mas a beleza que existe na materialidade do fragmento, na redução da matéria ao universo das coisas mínimas, na fluidez do processo compositivo, na ênfase nas possibilidades infinitas, na liberdade das escolhas, no jogo de peças de encaixe; enfim, na potência da criatividade humana face à fragilidade – afirma.

O bordado, que perpassa a produção do artista, também marca presença na exposição. Uma das obras é composta por três lenços que pertenceram a seu pai, nos quais Renato desenvolveu um bordado delicado. São percursos de ponto e linha que acompanham o nome do pai – *já gravado no lenço, como se fazia antigamente* – conta Renato.

Ao longo de alguns pontos do trajeto expositivo, a poética do artista se completa pela sinfonia sutil do tilintar de cristais, do som da chuva caindo nas ruínas e pelo ruído do mar – uma gravação em *slow motion* que integra a obra.

SOBRE O ARTISTA

Nascido no Recife, Renato Bezerra de Mello migrou, inicialmente, para o Rio de Janeiro – e, mais tarde, da arquitetura para as artes visuais, quando iniciou, em 2000, sua atuação como trabalhador de arte (expressão cunhada por Cildo Meireles), depois de 16 anos dedicados ao restauro de bens tombados pelo Patrimônio Histórico.

Essa virada aconteceu quando Renato participou de um programa de intercâmbio entre a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, e a *École Nationale Supérieure des Beaux Arts*, em Paris. A partir daí, decidiu que, tal como na arquitetura, iria trabalhar com questões relacionadas à memória das pessoas, dos lugares e das coisas que as cercavam. Sua formação passou por artistas como João Magalhães (nos anos 1990, no Parque Lage), além de Annette Messager e Christian Boltanski (nos anos 2000, na ENSBA), em Paris.

Na primeira coletiva da qual participou, na capital francesa, o artista apresentou uma instalação que reunia memória familiar e coletiva, ao resgatar antigas fotografias abandonadas em armários e gavetas, além de um pequeno objeto popular: o monóculo de plástico colorido, tão popular no Nordeste de sua infância –

Série *Estilhaçados*

Foto: Divulgação



usado para enxergar, com um olho só, imagens que o artista reproduziu num diapositivo em preto e branco, cuja produção estava sendo descontinuada.

Em sua pesquisa artística, Renato lançou mão de cartas de família e de folhas de papel-carbono, sobre as quais escreveu e desenhou incansavelmente. Decidiu também bordar, usando tecidos e linhas que já não eram mais fabricadas; destruiu linhas de seda, que transformou em quase pó, para depois criar minúsculas bolinhas coloridas. Quebrou uma coleção de copos e taças de cristal, colecionadas ao longo de vinte anos; desgastou, com lixa d'água, pequenos cubos de giz, para recriar uma coleção de bolas de gude perdida na infância. E ainda inventou um diário em cartões-postais, que enviava a si mesmo pelo correio, ao longo de muitos anos.

Dentre as suas mostras mais recentes, vale destacar *Delírio tropical*, Pinacoteca do Ceará, 2024-25; *Que o nosso nome não caia no esquecimento*, Galeria Anita Schwartz, Rio de Janeiro, 2021-22; *Entre céu e água*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, 2016; e *De onde os rios se encontram para inventar o mar*, Carpe Diem, Lisboa, 2014. Muitas de suas obras figuram em importantes coleções de museus como MAR/RJ, FUNDAJ/PE, CNAP/França e MOOLA/EUA – e também em outras coleções institucionais e particulares no Brasil, na França e na Inglaterra.
https://renatobezerrademello.art.br
@renatobezerrademello

SOBRE A CURADORA

Paula Terra-Neale é historiadora da arte (PhD em História e Teoria da Arte, Essex University), pesquisadora e curadora independente. Lançou em 2016 a *Terra-arte*, sua plataforma de projetos curatoriais transnacionais, independentes e sem fins lucrativos, que apoia artistas contemporâneos, além de explorar teorias e práticas de arte e de curadoria, com ênfase em abordagens socialmente inclusivas.

Em 30 anos de curadoria, trabalhou com projetos culturais e mostras em relevantes instituições culturais internacionais, entre as quais o *British Council, The National Trust Waddesdon Manor, The Modern Art Oxford*, ESCALA (Coleção de Arte Latino-Americana da Universidade de Essex), *Fistsite*, Paço Imperial e Casa França-Brasil. Foi também professora e pesquisadora nos departamentos de História da Arte da EBA – UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio). Vive e trabalha na Inglaterra.

SERVIÇO

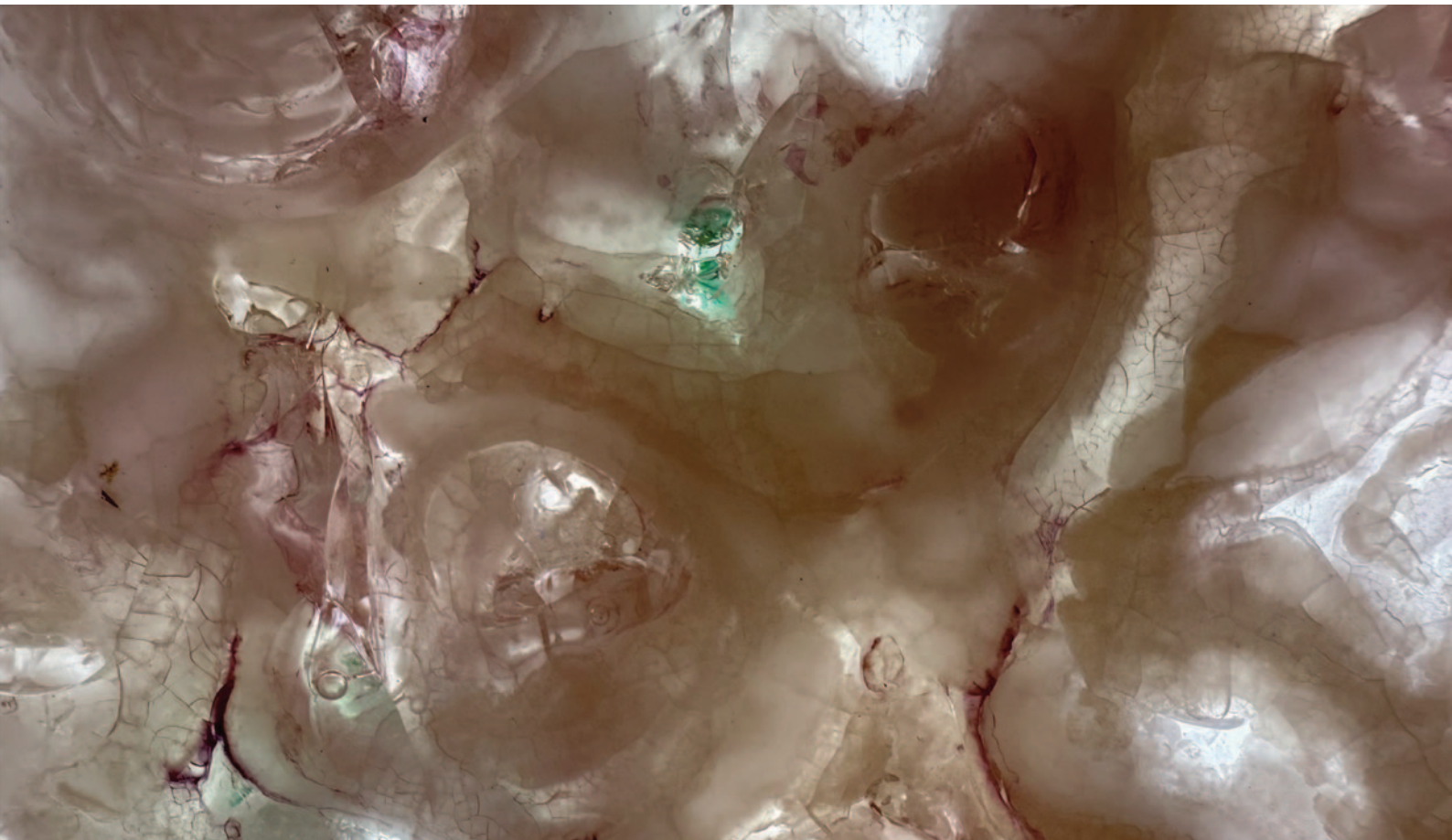
Renato Bezerra de Mello – Tudo o que é frágil brilha sem medo do esplendor
Abertura: 9 de dezembro, das 15h às 19h
Visitação: até 1º de março de 2026
Centro Cultural do Patrimônio Paço Imperial
Praça Quinze de Novembro, 48, Centro, Rio de Janeiro/RJ
Tel.: (21) 2215-2093 / (21) 2215-2622
E-mail: diretoria@pacoimperial.org.br
Dias/Horários: terça a domingo e feriados, das 12h às 18h
Entrada gratuita
www.amigosdopacoimperial.org.br



Foto: Rafael Adorján



Série *Transparências*



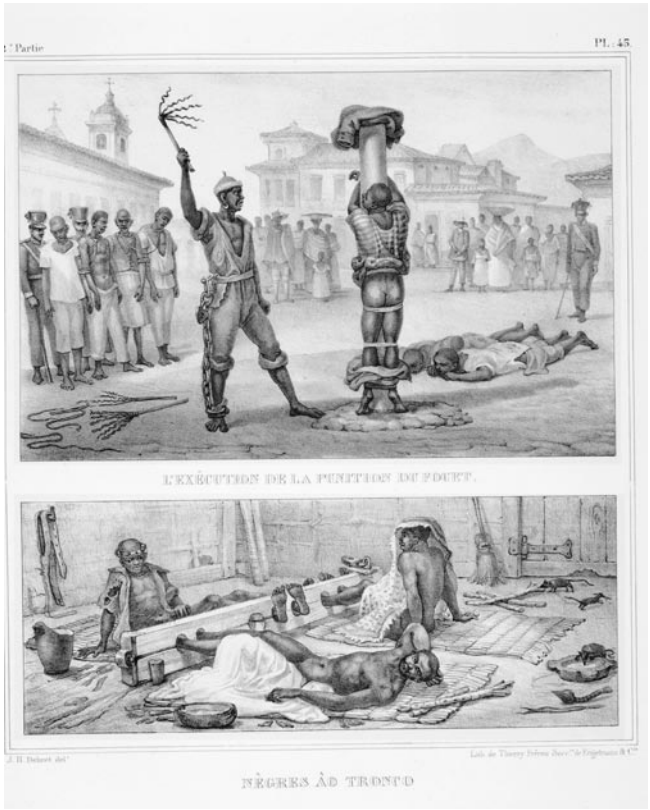
Exposição no Museu do Ipiranga, em São Paulo, reinterpreta o Brasil de Debret sob o olhar de artistas contemporâneos



Gê Viana, *Sentem para jantar*, Série *Atualizações traumáticas de Debret*, 2021

Foto: Acervo da artista / Cortesia da Lima Galeria

Mostra propõe um diálogo entre as gravuras de Jean-Baptiste Debret e releituras críticas de 20 artistas contemporâneos, entre as quais obras inéditas de Rosana Paulino e Jaime Lauriano



Jean-Baptiste Debret, *L'exécution de la punition du fouet / Nègres ào tronco (Aplicação do castigo do açoite / Negros no tronco)*, 1835
Foto: Acervo Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin – Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo

Debret em questão – olhares contemporâneos sugere um diálogo entre a iconografia do Brasil Império, estabelecida pelo artista francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848) e sua releitura, quase sempre crítica ou irônica, por parte de 20 artistas contemporâneos. A exposição é um desdobramento do livro *Rever Debret* (Editora 34, 2023), do pesquisador Jacques Leenhardt, que assina a curadoria ao lado de Gabriela Longman. A iniciativa integra a Temporada França-Brasil 2025, que celebra os 200 anos de relações diplomáticas entre os dois países e foi apresentada em versão mais sucinta na *Maison de l'Amérique Latine*, em Paris, entre abril e outubro deste ano. A entrada é gratuita.

A exposição se organiza em duas partes. A primeira apresenta 35 pranchas litográficas provenientes da obra *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, impressa em Paris entre 1834 e 1839. O artista recusa a representação idílica e, em vez disso, assume uma postura quase antropológica, que observa e descreve o cotidiano com minúcia e senso crítico. Na época, o conjunto foi rejeitado pelo governo brasileiro, por retratar a violência da sociedade escravista no Rio de Janeiro, então capital do Império.

Já na segunda parte o visitante encontra as releituras contemporâneas, que retomam essas imagens como campo de disputa simbólica e de reescritura histórica. – *Trabalhos de artistas como Gê Viana, Dalton Paula e Isabel Löfgren & Patricia Goùvea, por exemplo, desarmam a violência vivida para tornar possível a escrita de uma outra história, marcada agora pela autoestima e pelo respeito* – observa Leenhardt.

Segundo o diretor do Museu Paulista da USP, Paulo Garcez Marins, há uma coerência muito grande entre as últimas exposições temporárias realizadas no Museu: – *As exposições buscam interpretar o passado com as perguntas do presente. Essa é, afinal, a característica do pensamento histórico; uma operação intelectual e cognitiva sobre o passado. É o que procuramos fazer ao abordar, por diferentes caminhos, as formas de violência e de resistência que moldaram o Brasil* – declara.

OBRAS INÉDITAS E NOVOS DIÁLOGOS

Entre os destaques estão duas obras inéditas. O artista Jaime Lauriano apresenta a instalação *"Brasil através*



Denilson Baniwa, *Arqueiro digital*, 2017

Foto: Divulgação

do espelho", que aborda temas como etnocídio, apropriação cultural e democracia racial, além da série *Justiça e Barbárie*, composta por oito fotografias de violência encontradas nos meios de comunicação – em especial cenas de linchamento de homens negros, que circulam na mídia. Ao usar o título de uma das obras de Debret, Lauriano tensiona o presente e o passado, questionando o que realmente mudou na dinâmica social brasileira.

Rosana Paulino, reconhecida por investigar as marcas deixadas pela escravidão e pelo racismo estrutural, também participa com a obra inédita *"Paraíso Tropical"*. A obra, um tríptico em técnica mista sobre papel, aproveita-se de motivos emprestados de Debret, aos quais associa palavras carregadas do imaginário exótico. A artista revisita a concepção histórica do Brasil como um paraíso idílico – imagem que atravessou séculos de representações – para revelar o outro lado dessa narrativa: um território marcado pelo extrativismo, cuja fauna e flora foram amplamente exploradas.

A exposição conta, também, com obras de Anna Bella Geiger, Bruno Weilemann, Cássio Vasconcellos, Claudia Hersz, Dalton Paula, Denilson Baniwa, Eustáquio Neves, Gê Viana, Heberth Sobral, Isabel Löfgren & Patricia Goùvea, Laercio Redondo, Livia Melzi, Sandra Gamarra, Tiago Gualberto, Tiago Sant'Ana, Val Souza e Valerio

Ricci Montani, em suportes como pintura, fotografia, vídeo, instalação e colagens digitais. Além dessas obras, há uma sala dedicada a um desfile sobre Debret, concebido pela escola Acadêmicos do Salgueiro para o Carnaval de 1959, registrado em imagens pelas lentes do fotógrafo Marcel Gautherot (1910-1996).

A ORIGINALIDADE DO TRABALHO DE DEBRET

Jean-Baptiste Debret chegou ao Brasil em 1816, como integrante da Missão Artística Francesa, na qualidade de pintor da corte luso-portuguesa. Durante os 15 anos que viveu no país, além de atender a encomendas governamentais que realizava no seu "ateliê da corte", também criou imagens sobre a diversidade social e política que caracterizava o Rio de Janeiro. Para isso, concebeu o que se poderia chamar de um "ateliê de rua": o artista permanecia durante longas sessões sentado na calçada – de onde registrava, em cadernos de desenho, o nascimento de uma nação composta por portugueses, por povos indígenas, sistematicamente expulsos de suas terras, e por africanos escravizados. Esse trabalho constitui a parte mais original de sua obra artística realizada no Brasil.

Dalton Paula, *Assentar um naturalista e folhas*, 2019

Foto: Divulgação





Sandra Gamarra, *Naturaleza muerta sobre aldea de canta gallo*, 2019-20 Foto: Filipe Berndt

As aquarelas e gravuras de Debret combinavam uma descrição minuciosa e crítica, que não poupava detalhes de violência, e o protagonismo do trabalho de escravizados africanos no Brasil, tradicionalmente invisibilizados nas representações artísticas do cotidiano. Tanto na França quanto no Brasil, ninguém queria enfrentar a evidência de que a economia dependia deles. As imagens diretas chocavam o público, que preferia representações exóticas da América, e não o peso do realismo documental. Após um século de quase total esquecimento, a *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil* foi traduzida pelo crítico Sérgio Milliet e publicada no Rio de Janeiro, em 1940.

No início do século 21 e com o bicentenário da independência em 2022, os debates sobre brasilidade e identidade nacional tornaram a ganhar força, então com uma camada adicional: uma nova geração de artistas, muitos de ascendência africana e indígena, ressignificaram essa iconografia, que passou a ser revista, tanto em novas pinturas e gravuras como por meio da internet e de novos meios de circulação maciça de imagens.

Essas apropriações contemporâneas, frequentemente críticas e irônicas, revelam uma nova força na vida social das imagens – e encarnam uma vontade coletiva de imaginar um futuro emancipado de um passado doloroso. Nelas, percebe-se a alegria de questionar a escrita oficial da história e de abrir uma perspectiva crítica e original sobre a consciência em si e dos grupos historicamente marginalizados na trajetória social e política brasileira.

A exposição tem entrada gratuita e está instalada no salão de exposições temporárias, um espaço moderno, acessível e climatizado, com 900m^2, localizado no piso do jardim.

ACESSO PARA TODOS OS PÚBLICOS

A acessibilidade é parte estruturante do processo curatorial das exposições do Museu do Ipiranga. A equipe



Tiago Gualberto, *Sem título*, Série *Dots*, 2015 Foto: Divulgação



Bruno Weilemann Belo, *Marqué par une image d'enfance (Marcado por uma imagem de infância)*, Série *Demérito ao Debret*, 2021
Foto: Divulgação

do Educativo desenvolve uma série de recursos que não apenas garantem o acesso, mas ampliam a experiência sensorial e interpretativa de todos os visitantes, com e sem deficiência. Isso inclui recursos mutissensoriais de toques, como dioramas (reproduções tridimensionais de uma obra), essas com placas visutáteis, textos em Braille e alto-relevo, além de legendas em Libras e audiodescrição, que acompanham as instalações de vídeo.

Um dos destaques é a caixa de som que permite sentir a vibração do samba-enredo do Salgueiro, parte sonora de uma das salas dedicadas ao registro, pelo fotógrafo Marcel Gautherot, do desfile da Escola em 1959, em homenagem a Debret.

SOBRE GABRIELA LONGMAN

Curadora, editora e jornalista, é mestre em História da Cultura pela EHESS-Paris e doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. Trabalha na interseção entre a literatura e as artes visuais; desenvolve projetos para instituições como Sesc-SP, Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), Instituto Inhotim, MAM-SP e Museu Judaico. É autora de *"Labirintos do Olhar"* (ed. Bei, 2017), compilação de ensaios sobre arte urbana em São Paulo.

SOBRE JACQUES LEENHARDT

Sociólogo brasilianista, dedica-se a investigar a criação literária e plástica no Brasil e na América hispânica. Assinou inúmeros ensaios, catálogos e livros, entre os quais *Dans les jardins de Roberto Burle Marx* (Arles, Actes Sud, 1994). Foi curador de diversas exposições, tanto monográficas (sobre Jean-Baptiste Debret, Frans Krajcberg, Iberê Camargo, entre outras) como coletivas (a exemplo de *Villette-Amazone*, Paris, 1996 e *Arte Frágil, Resistências*, São Paulo, 2009). Estudioso de Debret, foi responsável pelas novas edições francesa e brasileira da *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil* (*Imprimerie Nationale*, 2014 e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2016).

SERVIÇO

Debret em questão – olhares contemporâneos
Até 17 de maio de 2026
Museu do Ipiranga – Sala de exposições temporárias
Rua dos Patriotas, 100, Ipiranga, São Paulo / SP
Dias/Horários: de terça a domingo (incluindo feriados), das 10h às 17h (última entrada, às 16h)
Entrada gratuita (somente para esta exposição)
museudoipiranga.org.br/visite/



Marlon Amaro, *A visão de Virgílio*, série *Amanhecer, Entardecer, Anoitecer*, 2024 Foto: Divulgação

Galeria Anita Schwartz, RJ, anuncia exposição dos 30 artistas selecionados no Projeto GAS 2025/2026

Dividida em seis núcleos, a mostra "Apresentando" *reflete a diversidade da produção contemporânea brasileira*

A Anita Schwartz Galeria de Arte reafirma seu compromisso com a renovação da cena artística brasileira e a escuta de novas vozes, ao apresentar a 6ª edição do Projeto GAS. A abertura da exposição será no dia 3 de dezembro, às 19h;a mostra ficará em cartaz até 21 de fevereiro de 2026 e ocupará toda a sua área expositiva. Entre 460 inscrições recebidas de todo o país, através de chamada aberta, foram selecionados 30 artistas que integram uma coletiva articulada em seis núcleos.

Assinada por Cecília Fortes, a curadoria estruturou a exposição a partir de afinidades conceituais, promovendo aproximações e tensões entre trabalhos. As obras exploram materiais diversos, experimentações poéticas e questões urgentes do nosso tempo. Embora agrupadas por eixo temático, a montagem expográfica buscou preservar a leitura espacial da mostra, permitindo que algumas obras apareçam fisicamente distanciadas, para otimizar sua apreciação individual e a circulação do público.

A edição 2025/2026 foi especificamente destinada a artistas e coletivos residentes no Brasil, com até 15 anos de carreira e que tivessem participação prévia em, no mínimo, uma exposição (individual ou coletiva, institucional ou comercial). As propostas foram avaliadas por um comitê formado por Anita Schwartz, pelo artista Bruno Lyfe (selecionado na edição de 2024), pela consultora artística da galeria, Cecília Fortes, e pela artista visual e professora Cristina Salgado.

ARTISTAS SELECIONADOS – PROJETO GAS 2025/2026

Alcino Fernandes (RN), Ana Coutinho (SP), Brendon Reis (BA), Bruna Manarelli (RJ), Caninana (SP), Kohama (MA), Douglas Cortes (RJ), Douglas Knesse (RJ), João Paulo Paixão (SP), João Hisse (RJ), Julia Gonçalves (RJ), Luiz Sisinno (RJ), Marcelo Jou (RJ), Mariana Guardani (SP), Marina Rodrigues (SP), Marina Schroeder (SP), Marlon Amaro (RJ), Miriam Bruggmann (AR), Monica Coster (SP), Monique Ribeiro (RJ), Naomi Shida (SP), Omarcca (RJ), Pedro Milagres (MG), Rena Machado (RJ), Renan Marcondes (SP), Roberto Muller (SP), Samira Pavesi (ES), Sandra Lapage (SP), Sofia Ramos (RR) e Uéslei Fagundes (RS).

SEIS NÚCLEOS, MÚLTIPLAS ABORDAGENS

Corpo, percepção e movimento

Reúne obras que investigam a relação do corpo com o espaço, o gesto, a materialidade do tempo e a convivência social. Participam: Ana Coutinho, Julia Gonçalves, João Hisse, Monica Coster, Rena Machado, Renan Marcondes e Samira Pavesi.



João Hisse, *Assim o chão se fez II*, 2025 Foto: Divulgação

Identidade negra

Aborda memória afro-diaspórica, cosmologias ancestrais, revisão histórica e afirmação da presença. Obras de Alcino Fernandes, Brendon Reis, Caninana, Kohama, Marlon Amaro, Monique Ribeiro e Omarcca.



Caninana Isabela Fonseca, *Sem título*, série *O segredo*, 2025 Foto: Divulgação

Nova plasticidade

Trabalhos que investigam materiais inusitados – de fungos e flores a lonas, alumínio e resíduos industriais – propondo novas possibilidades para a matéria. Núcleo formado por Douglas Knesse, João Paulo Paixão, Marina Schroeder, Roberto Muller, Sandra Lapage, Sofia Ramos e Uéslei Fagundes.

Investigações sobre a forma

Explora peso, equilíbrio, geometria, tridimensionalidade e relações entre forma e não-forma. Com Douglas Cortes, Marina Rodrigues e Marcelo Jou.



Marina Schroeder, *Palimpsesto Íntimo II* Foto: Divulgação



Douglas Cortes, Série *Estudando Albers #04*, 2016 Foto: Divulgação

Reflexões de gênero

Trabalhos que tensionam identidade, infância, construção do feminino e do masculino e processos de transição. Reúne Bruna Manarelli, Luiz Sisinno e Naomi Shida.

Proposições científicas

Diálogos ficcionais entre ciência, dispositivos eletrônicos, matéria viva, alquimia, neurociência e especulação



Luiz Sisino, *Dumbo*, 2024 Foto: Divulgação



Pedro Milagres, *MCL-02, Escultura cinética*, 2025 Foto: Divulgação

sobre consciência, memória e tempo. Participam Mariana Guardani, Miriam Bruggmann e Pedro Milagres.

SOBRE O PROJETO GAS

Criado em 2021 como desdobramento do Projeto Verão, o Projeto GAS nasce da ideia de expansão – assim como o gás, matéria fluida e mutável, capaz de ocupar qualquer espaço. Pensado para impulsionar novas trajetórias, o programa atua como força motriz para a escuta e a visibilidade de artistas em início de carreira, integrando-os ao contexto da galeria.

Ao longo das edições, firmou-se como uma plataforma de acesso, circulação e ampliação de repertórios, aproximando novas vozes da arte contemporânea de um espaço já consolidado no circuito.

Desde então, recebeu centenas de inscrições por edição e apresentou coletivas que marcaram o verão carioca, como “Saravá” (2022) e “Alvorada”, que reuniu 32 artistas. A edição 2025/2026 mantém essa vocação, sob a curadoria de Cecília Fortes, reafirmando o caráter experimental e formador do programa.

SERVIÇO

“Apresentando” – PROJETO GAS 2025-2026
Inauguração: 3 de dezembro
Até 21 de fevereiro de 2026
Anita Schwartz Galeria de Arte
R. José Roberto Macedo Soares, 30, Gávea, Rio de Janeiro / RJ
Tel.: (21) 2540-6446 / (21) 99603-0435
Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h;
sábado, das 12h às 18h
www.anitaschwartz.com.br

Casa de Cultura do Parque mergulha no acervo Pinho de Almeida com três novas mostras

III Ciclo Expositivo parte da pluralidade de linguagens e suportes da coleção para promover novas percepções sobre arte



Nuno Ramos, *Sem título*, 1991 – Mostra *Som e Fúria*
Foto: Raphaela Campano

A programação gratuita inclui as exposições *"Som e Fúria"* (Galeria), *"Balada para um espectro"* (Gabinete) e *"Corpo-a-corpo"* (Projeto 280x1020). O ciclo é constituído a partir da coleção particular de Regina Pinho de Almeida, fundadora e diretora executiva da Casa, e se orienta pela pluralidade de linguagens e suportes presentes no acervo, propondo uma ruptura de estruturas literárias, temporais e sonoras convencionais.

Os curadores Claudio Cretti e Tetê Lian destacam a relevância da coleção, composta de mais de 500 obras, entre as quais trabalhos sonoros, objetos-caixas, esculturas motorizadas, publicações experimentais e livros de artista, que exigem outro tempo de atenção no espaço expositivo. – *Para nós, tornou-se evidente que construir exposições a partir deste acervo possibilita uma maior liberdade de experimentação nos métodos de exibição e curadoria* – revelam os curadores.

A mostra *"Som e Fúria"* (Galeria), com texto de Tetê Lian, utiliza recursos como automação, som e movimento para discutir uma fúria relativa às experiências humanas. O título é emprestado de um dos mais importantes romances de William Faulkner (1897-1962), publicado em 1929 e marcado pelo emprego do fluxo de consciência e da narrativa não-linear. A expressão deriva também de uma fala do personagem Macbeth, na peça homônima de William Shakespeare (1565-1616), que descreve uma situação de grande tumulto, barulho e raiva sem sentido ou propósito útil.

Entre os artistas estão André Komatsu (São Paulo, 1978), Chelpa Ferro, Emmanuel Nassar (Capanema, 1949), Nuno Ramos (São Paulo, 1960) e Mariana Manhães (Niterói, 1977). Destaca-se uma obra da série *Ato de...* (2013), de André Komatsu, que utiliza itens de segurança de obras emoldurados para fundamentar a imagem e o sistema de fixação na parede; e também o trabalho do paulista Nuno Ramos, que sublima a dimensão física de processos semânticos, ao lidar com a sobreposição de materiais.

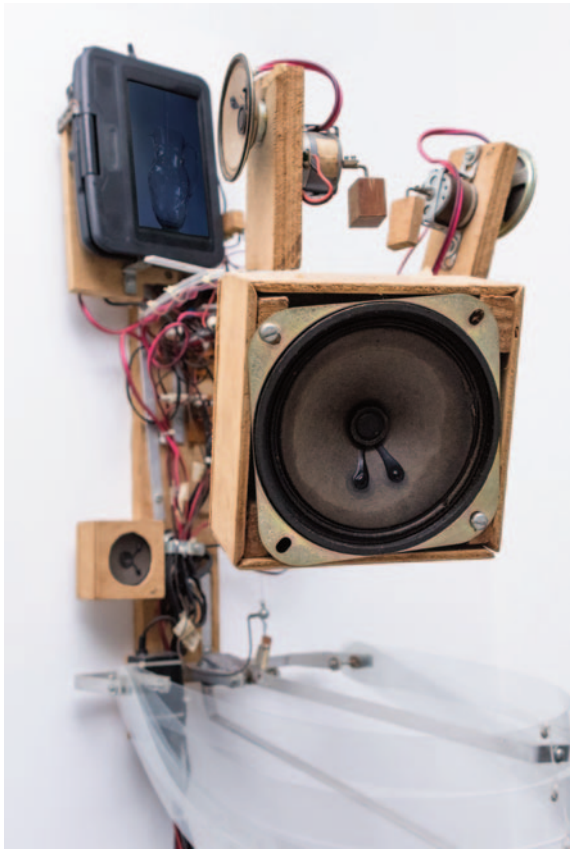


Emmanuel Nassar, *Brasil Luz*, 2000 Foto: Raphaela Campano

Já o Gabinete é ocupado por caixas e livros, na exposição *"Balada para um espectro"*, com texto crítico de Ella Pacheco. A mostra dialoga com o conceito de coleção, exibindo obras que extrapolam o estatuto do plano bidimensional. A seleção inclui artistas como Augusto de Campos (São Paulo, 1931), Cildo Meireles (Rio de Janeiro, 1948), Julio Plaza (1938-2003), Edith Derdyk (São Paulo, 1955), Marcel Duchamp (1887-1968) e Milton Marques (Brasília, 1971).

O múltiplo histórico *A Caixa Verde* (1935-41), de Marcel Duchamp, compõe a coleção – e reúne 68 trabalhos do pintor e escultor francês em um objeto desdobrável,





que revela a reprodução, em escala, de esculturas e pinturas anteriores, nas quais constituiu o conceito do *ready-made*. Cildo Meireles completa a seleção com *Camelô* (1998), uma lembrança de infância das viagens com sua família ao Rio de Janeiro.



Marcel Duchamp, *A Caixa Verde* (múltiplo), 1935-41
Foto: Raphaela Campano

O Projeto 280x1020 recebe a mostra *"Corpo-a-corpo"*, que explora a presença do corpo na produção contemporânea, onde suas vivências são atravessadas por contextos socioculturais. Com texto crítico de Giovanna Bragaglia, a exposição reúne trabalhos de Acelino Sales – MAHKU (Rio Jordão, 1975), Alex Cerveny (São Paulo, 1963), Bárbara Wagner (Brasília, 1980), Hudinilson Jr. (1957-2013) e Regina Parra (São Paulo, 1984), entre outros.

Em cima: Chelpa Ferro, *Números*, 2008;
Embaixo: Mariana Manhães, *Liquescer*, 2007
Fotos: Raphaela Campano

A série fotográfica *Brasília Teimosa* (2008), de Wagner, por exemplo, apresenta o resultado de uma documentação, feita pela artista ao longo de dois anos, da periferia do Recife. A obra capta gestos de celebração e de prazer como forma de afirmação da coletividade, além de investigar as dinâmicas sociais de uma comunidade constantemente marginalizada.

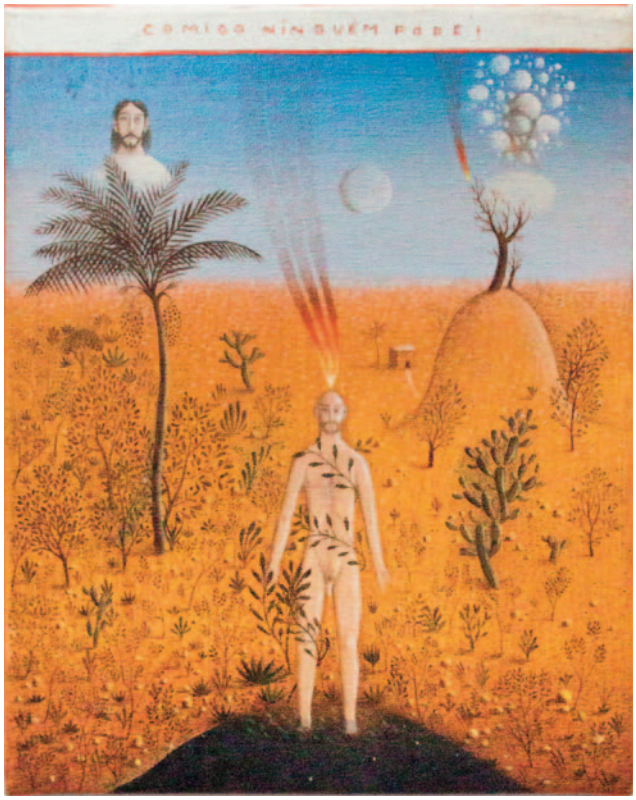
Por fim, novas bandeiras ocupam a fachada da Casa como parte do projeto *Dando Bandeira*. Alice Ricci (São Paulo, 1985) exibe obras que aprofundam sua pesquisa sobre o uso de tecidos refletivos e lonas nas cores amarela e laranja fluorescente, materiais comuns em uniformes de sinalização de segurança. Em *Para-luz* (2024), cada bandeira apresenta composições geométricas recortadas no próprio tecido, remetendo a uma paisagem suspensa. Os materiais transformam a percepção visual por meio da cor, integrando a paisagem representada ao espaço físico da obra.

As mostras contam com direção artística de Claudio Cretti e são uma idealização do Instituto de Cultura Contemporânea (ICCo).

SERVIÇO

III Ciclo Expositivo da Casa de Cultura do Parque
Som e Fúria (Galeria do Parque)
Balada para um espectro (Gabinete)
Corpo-a-corpo (Projeto 280X1020)
Para-luz, de Alice Ricci (Dando Bandeira)
Até 22 de fevereiro de 2026
Casa de Cultura do Parque
Av. Prof. Fonseca Rodrigues, 1300, Alto de Pinheiros, São Paulo / SP
Dias/Horários: quarta a domingo, das 11h às 18h
ccparque.com.br
Toda a programação é gratuita, com classificação indicativa livre, aberta a todos os públicos interessados e está sujeita à lotação do espaço.

Agendamento de grupos: educativo@ccparque.com.br | Whatsapp: (11) 99520-2759





De cima para baixo: Alex Cerveny, *Comigo Ninguém Pode*, 2008; Bárbara Wagner, *Brasília Teimosa* (série), 2008
Fotos: Raphaela Campano



Walter Firmo, *Retrato de Clementina*, 1977 Foto: Coleção do artista / Instituto Moreira Salles

O MUSEU VASSOURAS RECEBE "CHEGANÇA"

A coletiva, com curadoria de Marcelo Campos, reúne obras icônicas de Tarsila do Amaral, Beatriz Milhazes, Rosana Paulino, Djanira, Efrain Almeida, Heitor dos Prazeres e Dalton Paula, em diálogo com figuras históricas do Vale do Café como Clementina de Jesus, Vovó Maria Joana e Rosinha de Valença. A primeira exposição do novo Museu Vassouras celebra a memória, os ritos, os percursos,as vozes e a música da região



Tarsila do Amaral, *Figura Só*, 1930

Foto: Jaime Acioli

O recém-inaugurado Museu Vassouras abre oficialmente sua programação artística no dia 6 de dezembro com *"Chegança"*, coletiva que celebra as tradições populares e as múltiplas vozes do Vale do Café, região onde está situado o museu. A mostra – que reúne aproximadamente 130 obras de mais de 60 artistas – fica em cartaz até maio de 2026.

"Chegança" nasce como uma confluência de diversas pesquisas que o Museu vem promovendo no Vale desde 2019. *"Reunimos artistas de todas as regiões do país, cujas narrativas atravessam e ressoam com o Vale do Café, revelando a força, a diversidade cultural e a importância do intercâmbio entre os interiores do Brasil"*, celebra Catarina Duncan, diretora artística do Museu Vassouras. *"O conceito da exposição está ligado à ideia de travessia e de chegada, à circulação de pessoas, saberes e práticas culturais que formam a identidade do Vale do Café. A exposição é muito pautada nos diálogos que tivemos sobre a área e nas escutas que fizemos com as comunidades locais"*, completa Marcelo Campos.

Entre os destaques da mostra está a tela *"Figura Só"*, de Tarsila do Amaral (1930) – uma presença simbólica que, segundo Campos, estabelece pontes entre o modernismo brasileiro e as tradições que moldaram o imaginário da região.

"Além das obras de artistas contemporâneos, também comissionamos trabalhos que se aproximam da região, como o quilombo São José, e contemplamos produções indígenas, afro-brasileiras, folias, sambas e rituais populares", explica o curador.

OS TRÊS EIXOS DO PERCURSO EXPOSITIVO

Os três núcleos temáticos – *Folias, Vapor* e *Milagre* – formam um roteiro poético e sensorial pelas culturas que brotam da região. O visitante é convidado a atravessar esse território simbólico como quem percorre

uma festa ou um cortejo, guiado por cantos, memórias e presenças.

No eixo ***Folias***, a mostra mergulha nas expressões populares, das folias de reis aos cortejos urbanos, revelando a alegria como gesto de resistência, encantamento e continuidade. É o ponto de partida, em que o território se anuncia em ritmo de celebração. Obras de Beatriz Milhazes, como *"Meu Limão"*, e de Djanira, como *"Festa do Divino"*, dialogam com estandartes, máscaras e bandeiras das folias e escolas de samba locais.

O núcleo ***Vapor*** atravessa os antigos trilhos de ferro que conectaram o Vale do Café à Central do Brasil. Ali, o trem encontra o batuque do jongo e reverbera manifestações afrodiaspóricas, trazendo vozes ancestrais e lideranças históricas quilombolas, além de fazer referência aos quintais como nascedouros de rodas de samba e improviso. – *Aqui a linha do trem e o rio atravessam a região, conectando passado e presente* – resume Campos. – *A ferrovia não é apenas trilho de ferro: é costura entre mundos.* O núcleo reúne ainda a pintura *"Colheita"*, de Djanira, assim como fotografias de Ziel Karapotó e Walter Firmo, com retratos de Clementina e outras cenas do trem e da música carioca.

O trabalho e a formação cultural brasileira são evocados a partir do imaginário ferroviário. As antigas linhas férreas, que conectavam fazendas, cidades e trajetórias, surgem como metáfora de trânsito e de transformação. Cabem aqui registros fotográficos, como as imagens anônimas de trabalhadores nos trilhos da Central do Brasil, datadas da década de 1950.

Por fim, o núcleo ***Milagre*** nasce das águas do Rio Paraíba do Sul – fio vivo que conduz mitos, crenças e ritos do Vale.







De cima para baixo: Beatriz Milhazes, Meu limão, 2000 – Foto: Jaime Acioli; Djanira, *Folia do Divino*, 1960 – Foto: Jaime Acioli; Rafa Bqueer, *Pancadão*, 2023 – Foto: Divulgação do artista

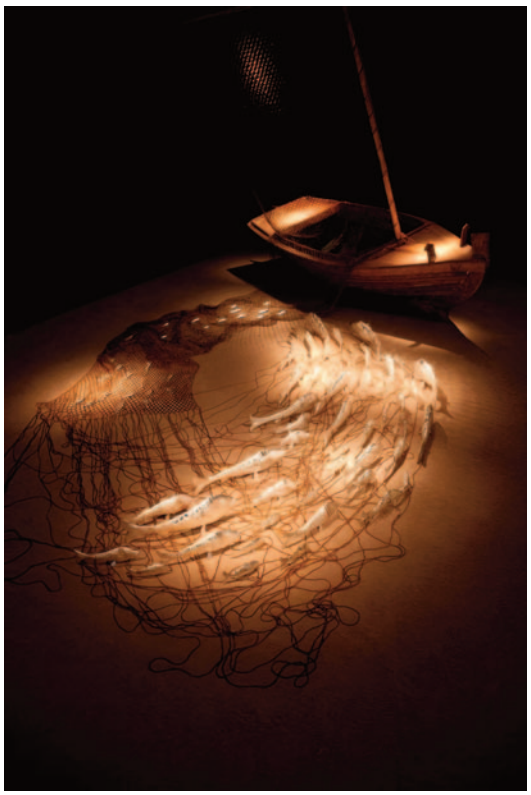




Dalton Paula, *Mariana Crioula* e *Manuel Congo*, ambos de 2022
Fotos: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand

Entre a aparição de Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Vassouras, a lenda do Caboclo d'Água e os peixes como promessa de fartura. O rio revela um território onde fé, natureza e cotidiano se entrelaçam. A noção de milagre se fortalece pela arquitetura do espaço: uma claraboia ilumina a sala como uma anunciação, criando um imaginário quase barroco que envolve visitantes em luz e sombra.

"Figura só", de Tarsila do Amaral, e as esculturas de Denilson Baniwa, Chico Tabibuia, Gustavo Caboco e Kandú Puri dialogam com trabalhos de outros artistas, ampliando o encontro entre espiritualidade, natureza e as expressões do território. Instalações de Efrain Almeida (*"Uma coisa linda"*) e Nádia Taquary (*"Puxada de rede"*) ampliam o sentido de devoção, enquanto a paisagem sonora do espaço prolonga o imaginário ribeirinho das violas e serestas.



Nádia Taquary, *Puxada de rede*, 2023
Foto: Divulgação da artista

EXPERIÊNCIA SENSORIAL E PAISAGEM SONORA

Projetada por Gisele de Paula, primeira mulher negra a assinar a arquitetura de uma Bienal de São Paulo, a expografia propõe uma experiência imersiva e sensorial, onde o visitante é convidado a percorrer espaços marcados por cores, luzes e materiais que remetem às camadas simbólicas da região.

A paisagem sonora criada pelo premiado produtor musical Alê Siqueira costura os sons do vapor, do trem, do rio e das manifestações populares – folias, serestas,







Da esquerda para a direita: Heitor dos Prazeres, *Sem título*, 1964 – Foto: Jaime Acioli; Gustavo Caboco, *Costura é resistência indígena*, 2024 – Foto: Julia Thompson; Kandu Puri, *Cocos de Sapucaia*, s.d. – Foto: Divulgação da artista

rodas de jongo e improvisos de voz – com cantos de artistas locais e gravações históricas de Clementina de Jesus e Rosinha de Valença. A trilha inclui ainda a participação do rapper indígena Kandú Puri, promovendo o encontro entre tradição e contemporaneidade.

PROGRAMA PÚBLICO E MATERIAL EDUCATIVO

Durante todo o período da mostra, o Museu Vassouras promoverá ativações mensais com performances, oficinas, rodas de conversa, encontros de folias e jongo, ampliando o diálogo entre artistas e comunidade, além de material pedagógico voltado para professores e alunos da região.

SOBRE O MUSEU DE VASSOURAS

Após seis anos de reforma, revitalização e restauro, o prédio secular que abriga o Museu Vassouras se consolida como um marco na preservação do patrimônio e na valorização cultural do Vale do Café, no Sul Fluminense. Iniciativa do Instituto Vassouras Cultural, fundado em 2017 por Ronaldo Cezar Coelho, o museu transforma um imóvel histórico, antes hospital e asilo, em um centro cultural de referência, que integra memória, arte e educação. A instituição celebra a diversidade de vozes do território, promove escuta ativa e diálogo criativo. A direção artística é de Catarina Duncan.

Construído em 1848, o prédio abrigou o Hospital Nossa Senhora da Conceição (Santa Casa da Misericórdia) e, mais tarde, o Asilo Barão do Amparo. Um dos edifícios mais emblemáticos do centro histórico de Vassouras, teve sua trajetória interrompida em 2007, quando um incêndio causou grandes danos à estrutura e levou à sua interdição. O Instituto Vassouras Cultural liderou o processo de recuperação e está à frente da gestão do museu.

SERVIÇO

Chegança
Abertura: 6 de dezembro
Até maio de 2026
Museu Vassouras
Rua Luiz Pinheiro Werneck, 64, Praça Barão de Campo Belo, Centro, Vassouras / RJ
Dias/Horários: quinta a domingo, das 10h às 18h
https://museuvassouras.org.br/



Denilson Baniwa, *Piracema#4*, 2023
Foto: Cortesia do artista e A Gentil Carioca



Foto: Bruno Figueiredo

CURA Macro entrega o maior macromural do Brasil, assinado pelo coletivo indígena MAHKU, em Nova Lima, MG

Projeto realizado pelo Instituto CURA integra a pintura de mais de 100 casas em comunidades de Minas Gerais

Nova Lima recebe o maior macromural do Brasil, uma das mais potentes ações de arte pública já realizadas pelo Instituto CURA. Com curadoria de Janaina Macruz e Priscila Amoni, o CURA Macro transforma a paisagem e o cotidiano de seis bairros da cidade. Mais de 100 casas foram pintadas, formando uma gigantesca tela viva visível a grandes distâncias.

A obra é assinada pelo MAHKU (Movimento dos Artistas Huni Kuin), coletivo indígena acreano que vem ga-

nhando destaque em instituições como MASP, Pinacoteca, *Fondation Cartier* e Bienal de Veneza. Sua participação amplia o alcance do projeto, criando uma ponte entre floresta e cidade, entre o sagrado e o cotidiano.

Para o Instituto CURA, o macromural inaugura uma nova fase. *"O CURA deixa de ser um festival e passa a ser um movimento de arte pública"*, afirma Janaina Macruz. O projeto gera impacto econômico, social e educativo, envolve a comunidade, forma profissionais e se insere no diálogo da arte contemporânea mundial.

Priscila Amoni destaca a força do encontro entre arte ancestral e espaço urbano: *"Quando trazemos o MAHKU, estamos falando de um coletivo indígena que carrega a força da floresta – um povo originário profundamente ancestral e, ao mesmo tempo, plenamente contemporâneo. É uma arte que está nas maiores mostras do mundo, e agora está também nas casas e muros de Nova Lima. Isso é muito potente – o MAHKU traduz os cantos hunimeka em imagens que se tornam pontes com o mundo não indígena".*

Ibã Sales Hunikuin, coordenador do coletivo, explica que a pintura nasce de um canto de cura, transmutado em formas e cores que protegem e fortalecem as casas. *"É pintura sagrada, espírito da floresta vivo, que guarda nossa saúde e nossa paz"*, afirma. O CURA Macro vai além da pintura: é uma ação de regeneração urbana e pertencimento. Cada casa foi tratada como obra individual, em um processo que



Fotos: Ísis Medeiros



Foto: Pablo Bernardo



envolveu estrutura, reboco e pintura, impactando diretamente mais de 500 pessoas.

INSTITUTO CURA

Criado em 2017, o Instituto CURA se consolidou como referência em arte pública na América Latina. São nove edições em Belo Horizonte e duas em Manaus, com 35 empenas pintadas, 12 murais, instalações, exposições e residências artísticas – sempre guiadas pelo pertencimento e pela participação coletiva. O projeto *"Primeiro Macro-Mural de Nova Lima"* foi contemplado via Plataforma Semente, do Ministério Público de Minas Gerais (MPMG).

SERVIÇO

CURA Macro Nova Lima

Mais informações: www.cura.art

Foto: Bruno Figueiredo



Com obras de grandes mestres, a Galeria Duque comemora seus 13 anos, em Porto Alegre

Exposição "Arte e Imaginação" *apresenta obras de Salvador Dalí, Siron Franco, Volpi, Cícero Dias e Tomie Ohtake. O espaço também recebe mostras das artistas gaúchas Berenice Unikowsky e Carmen Seiber*

Burle Marx, *Sem título*, 1981

Foto: Divulgação





Annita Malfatti, *Festa no interior*

Foto: Divulgação

Ao completar 13 anos de atividade, a Galeria Duque celebra a arte e exibe na capital gaúcha obras de grandes artistas, como Di Cavalcanti, Burle Marx, Vicente do Rego Monteiro, Djanira, Goeldi e Carlos Vergara. A exposição *"Arte e Imaginação"*, com curadoria de Daisy Viola, comemora o aniversário da galeria, que também recebe outras duas mostras: *"Retrospectiva"*, com a arte abstrata de Berenice Unikowsky, e "Chapéus de Vidro", de Carmen Seibert.

"A imaginação é o ponto de partida para o fazer artístico; com ela podemos voar – e a arte é uma grande possibilidade de materializar nossos voos. A Galeria Duque é um exemplo dessa possibilidade", pontua Daisy Viola. *"Num espaço emblemático da cidade, onde se encontra um dos mais completos acervos do Estado, as possibilidades se multiplicam"* – comemora a curadora. E destaca que *"obras felizes, na cor ou no tema foram as escolhidas para a celebração do aniversário do espaço".*

"Arte e Imaginação" reúne obras de Aldo Locatelli, Ado Malagoli, Alfredo Ceschiatti, Amílcar de Castro, Angelo Guido, Anita Malfatti, Antônio Bandeira, Bruno Giorgi, Calazans Neto, Cândido Portinari, Carlos Páez Vilaró, Carlos Scliar, Danúbio Gonçalves, Djanira, Emiliano Di

Cavalcanti, Glauco Rodrigues, Iberê Camargo, Ione Saldanha, Milton Dacosta, Nelson Jungbluth, Oscar Crusius, Orlando Teruz, Roberto Burle Marx, Ruth Schneider, Tarsila do Amaral, Vera Torres e Zoravia Bettiol, além de homenagear Ruth Schneider.

MULHERES NA ARTE DO RIO GRANDE DO SUL

A expressão contemporânea da arte produzida no Estado também está presente nas comemorações. Berenice Unikowsky apresenta sua mostra *"Retrospectiva"*, com 30 obras que envolvem materiais como tinta acrílica, bastidores de madeiras nobres recicladas, telas de algodão puro e água de fonte natural. Em sua arte abstrata, a artista evoca cor e emoção. Berenice, que expõe individualmente desde 1984, já participou de inúmeras mostras coletivas e salões de arte em Porto Alegre, São Paulo, Curitiba e Rio de Janeiro. A artista vive e trabalha em São Sebastião do Caí, no Vale dos Sinos.

Com mais de 30 anos dedicados a transformar garrafas de vidro em arte, Carmen Seibert ocupa o quarto andar da Galeria Duque com a mostra *"Chapéus de Vidro"*, que reúne produções que são sua marca registrada. Formada em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UFRGS, Carmen Seibert é apaixonada pelas possibilidades do vidro como material de modelagem em design e acessórios de moda.

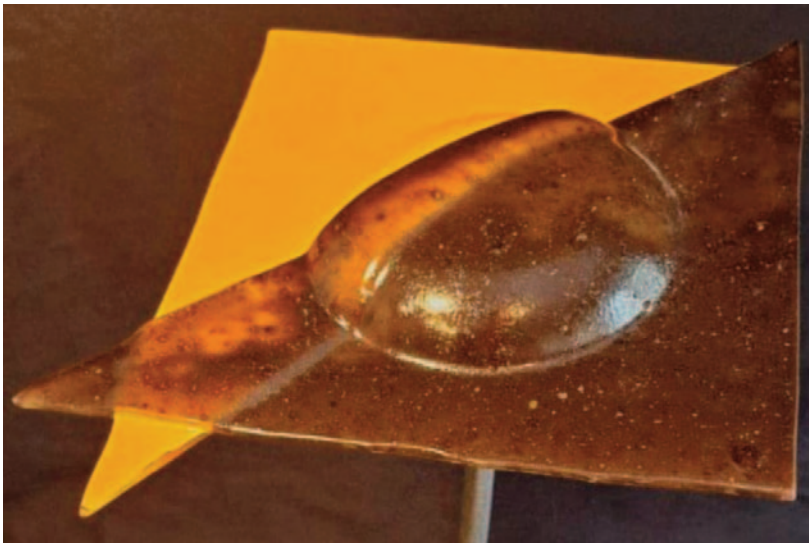
Nessa exposição, os chapéus de vidro, que marcaram os primeiros passos da sua trajetória artística, em 2001, ganham novas formas e cores. *"Após tantos anos, quis desenvolver a continuação desse tema, que me fascina. Sempre gostei de chapéus; e, no meu cotidiano, costumo usá-los tanto no inverno como no verão"*, conta.

SERVIÇO

"Arte e Imaginação" – Acervo
"Retrospectiva: Berenice Unikowsky"
"Chapéus de Vidro", de Carmen Seibert
Até 28 de fevereiro de 2026
Galeria Duque
Duque de Caxias, 649, Porto Alegre / RS
Dias/Horários: de segunda sexta, das 10h às 18h;
sábado, das 10h às 17h
Entrada Franca

Obra de Berenice Unikowsky Foto: Divulgação





Carmen Seibert, *Chapéu triangular* Foto: Divulgação



Blue, 2025

Foto: Flavio Freire

MARIA KLABIN – LÍNGUA D'ÁGUA, na Nara Roesler São Paulo

A artista faz sua primeira mostra individual em São Paulo, na qual apresenta mais de 80 obras inéditas e recentes, entre pinturas em óleo sobre tela, linho, papel vegetal e desenhos em nanquim, carvão ou guache sobre papel. O público pode ver também os desenhos retirados dos cadernos da artista, esboços e anotações, para acompanhar seu processo criativo

Com curadoria de Galciani Neves, *"Língua d'Água"* apresenta trabalhos criados pela artista, principalmente ao longo do ano, em pinturas e desenhos de tamanhos variados. O título foi retirado de uma frase dita por Maria Klabin à curadora: *"O pincel é como uma língua que lambe a tela, trazendo os ecos de algum lugar"*.

– As pinturas de Maria se colocam de maneira simples; não é necessário fincar os pés nos diversos problemas filosóficos submetidos ao exame da razão. Mas apontam para algo que nos renderia um enorme efeito, se nos dedicássemos: o que aprenderíamos se repousássemos sobre os redemoinhos da percepção? Devaneando, devaneando...



Manhã, 2025
Foto: Flavio Freire

– E se, ao invés de controlarmos as coisas, habitássemos seus mistérios, olhando-as bem de perto e de distintas lonjuras?" – salienta Galciani Neves, no texto que acompanha a exposição. *"Em* 'Língua d'Água', *o exercício poético da artista segue por esses caminhos: a pintura inverte a ordem das coisas, muda o que vemos e como vemos* – destaca a curadora.

Como diz Maria Klabin, *"tendo a pintar as coisas que estão ali no meu entorno, e isso inclui as pessoas com quem tenho mais intimidade, que convivem comigo"* – revela. *"Tem épocas que eu pinto bastante fora do ateliê, em momentos de repouso, de lazer. Como são momentos de silêncio, a pessoa acaba dormindo"* – explica ela, sobre o fato de, em suas pinturas, haver pessoas adormecidas. *"Desde sempre, desde a adolescência, isso acontece. E eu acabei vendo coisas interessantes nesse processo de pintar pessoas adormecidas"* – diz.

ESPAÇO SEGURO PARA SE SENTIR VULNERÁVEL: CONDIÇÃO DA PINTURA

"*A pessoa está ali totalmente entregue, e isso acontece justamente porque existe uma intimidade. A gente só dorme na presença de alguém que nos observa quando estamos muito à vontade para essa entrega. E gosto de pensar no meu ateliê como uma extensão desses momentos: um espaço onde posso me sentir segura para ser vulnerável também. Tem uma vulnerabilidade que é inerente ao processo da pintura. Você está pintando e entra num outro lugar. O corpo está num lugar, mas você está em outro. Então você tem que se sentir seguro para dar esse salto – e o ateliê deve ser um lugar que acolha esse processo. Percebi que isso acontece também com as pessoas que eu pinto. Ali é como se elas fossem o pintor, e eu testemunha desse salto e dessa entrega. Acredito que a pintura e o sonho venham do mesmo lugar"* – reflete a artista.

PAISAGEM QUE ME CERCA: CAÇA CONSTANTE E SILENCIOSA

Nos trabalhos de Maria Klabin há paisagens, além de retratos. A artista comenta que usa a paisagem que a cerca, e que pode ser composta por objetos ou plantas, que também considera indivíduos. *"São as paisagens com que estou convivendo. Noto um conjunto de movimentos, de elementos, que posso usar na pintura, e*

esses elementos acabam sendo um ponto de partida para falar sobre algo mais internalizado e intuitivo do que exteriorizado, como estaria implícito numa paisagem", observa. Fotografias também são utilizadas, mas servem como pistas para a artista falar de coisas da pintura e de um estado de espírito. *"É um exercício compositivo também, de movimento, de pintura"*.



When we all fall asleep, where do we go?, 2025
Foto: Flavio Freire

Maria Klabin conta que está olhando ao redor, procurando coisas que são um pouquinho estranhas, ou que são um pouquinho mais do que elas mesmas. *"É como se eu estivesse numa caça constante e silenciosa por coisas que parecem prontas pra se transformar em outras que sejam mais do que elas revelam para o mundo"*.

A pintura *"Gal"* (2023), exibida antes apenas na individual da artista que Nara Roesler fez na feira *Frieze Los Angeles 2024*, faz parte da exposição. A artista explica que a obra integra *"Linha d'Água"* por ser a primeira obra em grande escala que ela produziu, com elementos mais alegóricos e oníricos. *"As paisagens grandes já tinham esses elementos, mas isso ficou mais evidente na* 'Gal'*; e esta é uma coisa que eu explorei com mais foco nessa exposição* – diz. "'Gal' *foi criada durante a pandemia"*, conta a artista. A obra nasceu a partir da imagem de sua cunhada, que estava grávida da sua sobrinha Gal.

Estão ainda, na mostra, três retratos pequenos que Maria Klabin fez de Giacometti (1901-1966). Ao ver um vídeo com Giacometti esculpindo, a artista ficou encantada com o momento em que há um *close* do rosto do escultor. – *"O olho dele subia e descia; ia pro trabalho, para a pessoa, para a obra, para o sujeito, olhando para o objeto, olhando para o que ele estava fazendo – e havia uma bagunça em volta dele. Eu quis fazer três desenhos rápidos dele naquele estado. Isto entra na mesma discussão de* 'que lugar é esse em que está o artista?' *"Essa ponte, esse trânsito que o olho faz entre o inconsciente e o que está no mundo. Quero fazer mais* – conta.

ESTOU DESENHANDO O TEMPO TODO

A artista detalha que, junto com a curadora, decidiu incluir na exposição uma parede com desenhos – de todo tipo: arrancados do caderno, anotações, mais ou me-



3 da tarde, 2025 Foto: Flavio Freire

nos acabados. *"A ideia é mostrar ao público esse processo – porque eles (os desenhos) nasceram durante a construção dessas pinturas, e alguns são anteriores, mas também guardam uma relação com as obras mostradas"*.

"Língua d'Água" tem mais de quarenta desenhos, entre os mais de trezentos da artista. *"Estou desenhando o tempo todo. Desenho em casa. Se eu pego uma gripe, não venho para o ateliê, fico em casa desenhando. Às vezes acho que a minha pintura é muito mais desenho, porque estou mais ligada na linha e no processo, sem estudo prévio e sem preparo, num embate direto com a tela, com o plano e com o pincel. O desenho é muito rápido; ultrapassa o pensamento. Meu foco reside mais no gesto do que na relação com as cores. Claro, eu uso cor; faz parte de falar essa língua. Mas é nesse lugar, onde o desenho termina e a pintura começa, que me sinto melhor e gosto mais de estar* – destaca Klabin.

LIVRO "MARIA K." (2025, Nara Roesler Books)
Em fevereiro de 2026, durante a exposição, será lançado o primeiro livro dedicado à trajetória de Maria Klabin. O livro *"Maria K."* (2025, Nara Roesler Books) terá 114 páginas, bilíngue (português e inglês), capa dura, com formato de 17,5 x 24,5 cm, e textos inéditos de Priscyla Gomes, Pollyana Quintella e apresentação de Luis Pérez-Oramas.

SOBRE MARIA KLABIN
A obra de Maria Klabin (1978, Rio de Janeiro) envolve cenas, ocorrências e paisagens permeadas pelo cotidiano – e, portanto, vistas e vivenciadas de forma exaustiva. Ao lidar com elementos onipresentes, Klabin extrai a cadência de sua recorrência, buscando captar o ritmo formal embutido na repetição, ou banalidade, de sua experiência. O processo da artista consiste em produzir e coadunar, constantemente, desenhos, fotografias e anotações que extrai de circunstâncias imediatas.

O acúmulo de pensamentos e imagens que se entrelaçam e integram um sentido unitário, revelam as intrigantes relações que constituem o centro das investigações pictóricas da artista. Em suas próprias palavras, Klabin desenvolve seu trabalho *"como se estivesse escrevendo uma história, ou um diário, mas um diário de coisas que não aconteceram realmente. É uma narrativa que pode ser contada apenas através da pintura,*

mas que aborda temas que parecem mais familiares para escritores do que para pintores" – explica.

Maria Klabin estudou Artes Visuais e História da Arte na *Brandeis University*, em Massachusetts, Estados Unidos, onde ganhou o prêmio *Susan May Green* de pintura. Em 2002, concluiu o mestrado na *Central Saint Martins – University of the Arts London*, em Londres. Exposições individuais recentes: *"Liquid Air"*, na Nara Roesler (2022), em Nova York, Estados Unidos; e *"Paisagem com Casinha"*, na Galeria Silvia Cintra (2021), no Rio de Janeiro, entre outras. Suas obras fazem parte de importantes acervos institucionais, como o Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, e o Itaú Cultural, em São Paulo, Brasil.

SERVIÇO

"Maria Klabin – "Língua d'Água"
Até fevereiro de 2026
Nara Roesler São Paulo
Avenida Europa, 655, Jardim Europa, São Paulo / SP
Tel.: (11) 2039 5454 | info@nararoesler.art
Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h; sábado, das 11h às 15h
Entrada gratuita
https://nararoesler.art/

Gal, 2023

Foto: Divulgação



NOT VITAL – TIRANDO ONDA, NO MAC NITERÓI



Moon, 2024

Foto: Flavio Freire

O destacado artista suíço Not Vital (1948, Sent), nômade assumido, em permanente deslocamento para fazer novos trabalhos, faz sua primeira exposição no MAC Niterói. Para isso, restaurou paredes das salas do segundo andar, retirou os painéis de madeira que as recobriam e devolveu ao espaço sua pintura original

"Tirando Onda", do artista Not Vital, nascido em 1948 em Sent, no vale do Engadine, na Suíça, apresenta obras recentes e inéditas produzidas este ano. Apaixonado por arquitetura – são famosas suas *"Scarchs"*, construções em grande escala de finalidade apenas poética –, Not Vital considera Oscar Niemeyer (1907-2012) *"um gênio"*. E suas obras foram dispostas de modo a reverenciar o projeto arquitetônico do MAC, *"para que o espaço não brigue comigo, e o trabalho apenas possa viver junto com ele"* – destaca.

Reconhecido internacionalmente, o artista expõe constantemente na Europa, nos EUA e na Ásia. Seu trabalho está presente em numerosas coleções privadas e várias públicas, entre as quais a *Bibliotheque Nationale*, Paris; *Kunstmuseum Bern*, Berna; T*he Museum of Modern Art (MoMA)*, Nova York; *Solomon R. Guggenheim Museum*, Nova York; e *Toyota Municipal Museum of Art*, Aichi, Japão, entre outras.

Embora se veja principalmente como escultor, é evidente seu interesse pela natureza – e faz uso de materiais diversos. E também se notabiliza por suas construções poéticas em grande escala – as *"Scarch"*, termo cunhado pelo artista, com a junção das palavras escultura e arquitetura em inglês *("sculpture" + "architecture")*.

A partir de 2009, Not Vital passou também a se dedicar à pintura e a retratar as pessoas do seu entorno, como amigos e assistentes. Essas pinturas, entretanto, também guardam uma certa tridimensionalidade, pelas diversas camadas de tinta que lhes conferem transparência – e pelo fato de Not gostar de cobri-las também com vidros transparentes, criando reflexos.

No MAC Niterói, as esculturas estão na área externa do Museu, todas de 2025: *"Moon"*, em aço inox, com 1,85m de diâmetro; e também um conjunto de cinco peças, criadas especialmente para a exposição, cada uma com dois metros de comprimento e peso em torno de uma tonelada, em granito, trazidas do Espírito Santo. O título da mostra se refere, de forma bem-humorada, ao fato de que, embora o artista tenha sido criado entre as montanhas nevadas da Suíça, está expondo em uma região cercada por mar. – *"Nós também surfamos na neve"* – brinca.



Snowballs, 2025 Foto: Divulgação.

No grande salão do primeiro andar – construído de modo a provocar uma ilusão de ótica no visitante, que pensa que o espaço é circular, quando na verdade é quadrado – Not Vital usa apenas o chão, para celebrar o arquiteto Oscar Niemeyer. No piso, o artista espalhou 2.222 bolas de neve feitas em gesso branco, com aproximadamente dez centímetros de diâmetro cada, em uma alusão ao seu local de nascimento, na Suíça, e uma espécie de *"presente para o público do Museu"* – já que o Brasil é conhecido como país tropical, com imenso litoral e praticamente sem neve, com exceção de eventos episódicos na Serra de São Joaquim, em Santa Cata-



Self-portraits, 2025

Fotos: Rafael Salim

rina. *"Quando meus amigos brasileiros viam a neve pela primeira vez, gostavam de pegar nela, de sentir seu cheiro. Acredito que 98% dos brasileiros nunca tiveram contato com a neve"*, diz.

"Eu via, na Nigéria, como os habitantes apreciavam a queda das laranjas das árvores como um presente dos céus. A neve é isso também. Cai do céu", destaca. O artista comenta que gosta muito de usar o gesso como material em seus trabalhos, justamente por ser o que mais *"se assemelha à neve. Tenho que trabalhar rapidamente, porque ele endurece logo"* – observa. Not destaca ainda que a relação dele com a cor branca, muito presente na paisagem que o cercou desde a infância, é muito forte. *"Este trabalho é uma espécie de convite para o público ver o espaço junto com as obras"*, revela.

PINTURAS – AUTORRETRATOS

– *Sou um escultor que pinta* – diz Not Vital. Suas pinturas costumavam ter a paleta entre o branco e o preto – passando pelos cinzas, reflexo de sua referência primordial, a paisagem do vale do Engadine. Mas desde que passou a vir para o Brasil com mais constância, e de ter decidido, no final de 2022, instalar aqui uma de suas casas-ateliês – mais precisamente em Santa Teresa, no Rio de Janeiro – passou a utilizar alguns toques de outras cores, como o amarelo. Agora, está usando o azul-prússia. *"Não sei de onde surgiu esta cor"*, diz o artista, que se encantou com a fábrica de tintas a óleo artesanais Joules & Joules, dos artistas Bruno Dunley e Rafael Carneiro, e comprou vários tubos.

No segundo andar do MAC Niterói – onde Not Vital restaurou as paredes das salas expositivas, retirou os painéis de madeira que as cobriam e devolveu ao espaço sua cor original – encontram-se treze pinturas em grande formato: os famosos autorretratos do artista.

A origem do nome do artista, que muitos pensam se tratar de uma marca, vem do idioma falado em sua região, no vale do Engadine: o romanche, no qual a palavra "Not" significa noite. Preocupado com a extinção desta antiga língua, Not Vital criou uma fundação em Engadine. A partir dela, além de manter um Parque de Esculturas em Sent e o Castelo de Tarasp, construído no século XI – ambos abertos ao público de meados de junho a outubro –, criou a Casa Planta em Ardez, erguida no século XVII, e que abriga uma importante biblioteca no idioma romanche. Artistas como Richard Long, o ator Jude Law, o escritor Gore Vidal e o arquiteto Richard Rogers já estiveram com Not Vital nesses locais.

SOBRE NOT VITAL

Not Vital nasceu em 15 de fevereiro de 1948, em Sent, no vale do Engadine, região leste da Suíça, próxima à Itália e à Áustria. Vive e trabalha entre sua cidade natal, Beijing e o Rio de Janeiro, cidades onde tem casas-ateliês. É ativo no circuito da arte desde o início dos anos 1970. Na década seguinte participou da cena nova-iorquina, onde conviveu com artistas como Andy Warhol (1928-1987), Keith Haring (1958-1990) e Basquiat (1960-1988), que lhe presentearam com obras. O último, Basquiat, fez para ele a pintura *"Astro NOT"*, um trocadilho com seu nome astronauta.

São muito conhecidas em seu trabalho as *"Scarch"*, instaladas em várias partes do planeta, *"para contemplar o pôr do sol ou se proteger do vento e de tempestades de areia"*, segundo Hashim Sarkis – curador da 17ª Bienal de Arquitetura de Veneza, em 2021, que contou com a participação de Not. O artista instalou cinco *"Scarchs"* em Agadez, no deserto da Nigéria, entre 1999 e 2013; uma em plena floresta amazônica, engolida depois pela natureza; outra em Tarasp, na Suíça; outra nas estepes da Mongólia; mais uma na ilha de Fangasito, em Tonga; outra em Bataan, nas Filipinas, onde fez uma Capela; e uma ainda na Patagônia, no Chile.

Not Vital é reconhecido por sua prática baseada no intenso contato com a natureza e na adoção de um estilo de vida nômade. Sua produção normalmente provoca percepções inusitadas, frequentemente de surpresa ou de estranhamento – ao deslocar, para o contexto artístico, formas próprias da natureza ou elementos característicos de regiões remotas, muitas vezes alterando sua escala e materialidade. Desde o começo dos anos 1980, o artista articula esculturas – recorrendo, muitas vezes, a processos colaborativos com artesãos. Dedica-se à construção de espaços, diluindo os limites entre arte e arquitetura – e estabelecendo uma íntima relação com o contexto cultural local. Em seu trabalho, os objetos alteram nossa percepção.

EXPOSIÇÕES

Sua exposição *"Not Vital: What does the wind do when it doesn't blow?" (Qué hace el viento cuando no sopla?)*, uma parceria entre o *proyecto amil* e o *Museo de Arte de Lima* (MALI), foi inaugurada em outubro e fica em cartaz até 14 de fevereiro de 2026. Em 2024 fez dezenas de mostras individuais, entre as quais *"Not Vital – Contemplating"*, na *Thaddaeus Ropac*, em Paris: *"Not Vital – Silence"*, *Galerie Tschudi*, Zurique, Suíça; em 2022: *"Not Vital. Paintings", Thaddaeus Ropac*, Salzburgo, Áustria; *"Not Vital. 10 Paintings", Galerie Urs Meile*, Beijing; *"Not Vital. Ad Agosto ritornano le rondini", Alfonso Artiaco*, Nápoles, Itália; *"Not Vital. A vida é um detalhe"*, Nara Roesler São Paulo. Em 2015, Not Vital fez sua primeira individual na América do Sul no Paço Imperial, no Rio de Janeiro.

SERVIÇO

"Not Vital – Tirando onda"
Até 22 de fevereiro de 2026
MAC Niterói
Mirante da Boa Viagem, s/n, Boa Viagem, Niterói / RJ
Tel.: (21) 3619-5800 | contato@macniteroi.com.br
Dias/Horários: terça a domingo (incluindo feriados), das 10h às 18h (entrada permitida até 17h30)
Ingresso: R$16,00 (inteira); quarta, entrada gratuita; gratuidade nos demais dias: moradores/nascidos em Niterói, alunos da rede pública, crianças até 7 anos, PcD + 1, servidores da cidade e quem chega de bicicleta.
http://www.macniteroi.com



Eu aos pedaços ou Ainda assim eu voo

Foto: Divulgação

PATRÍCIA PEDROSA
“Eu aos pedaços ou Ainda assim eu voo”
Centro Cultural Correios Rio de Janeiro

A mostra reúne vinte trabalhos inéditos – entre gravuras, vídeo-performance, cerâmica, livro de artista e um sketchbook *– nos quais a artista toma o próprio corpo feminino como matriz e medida. Ao articular experimentações gráficas, bordado, colagem, estêncil e suportes como papel vegetal e tecido, Patrícia investiga memória, somatizações e cicatrizes que atravessam a vida, criando obras que refletem processos de ruptura, cuidado e reconstrução*

A exposição reúne um conjunto de trabalhos inéditos produzidos entre 2021 e 2025, período em que a artista intensificou sua investigação sobre a gravura e suas expansões possíveis. Na mostra, Patrícia compartilha um percurso marcado por atravessamentos íntimos e coletivos, nos quais a linguagem gráfica se desdobra para além das técnicas tradicionais e encontra novos modos de existir.

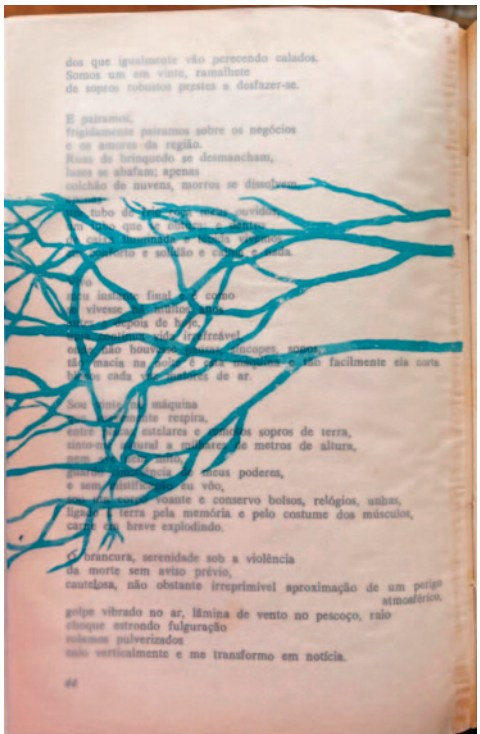


Obra da artista Foto: Divulgação

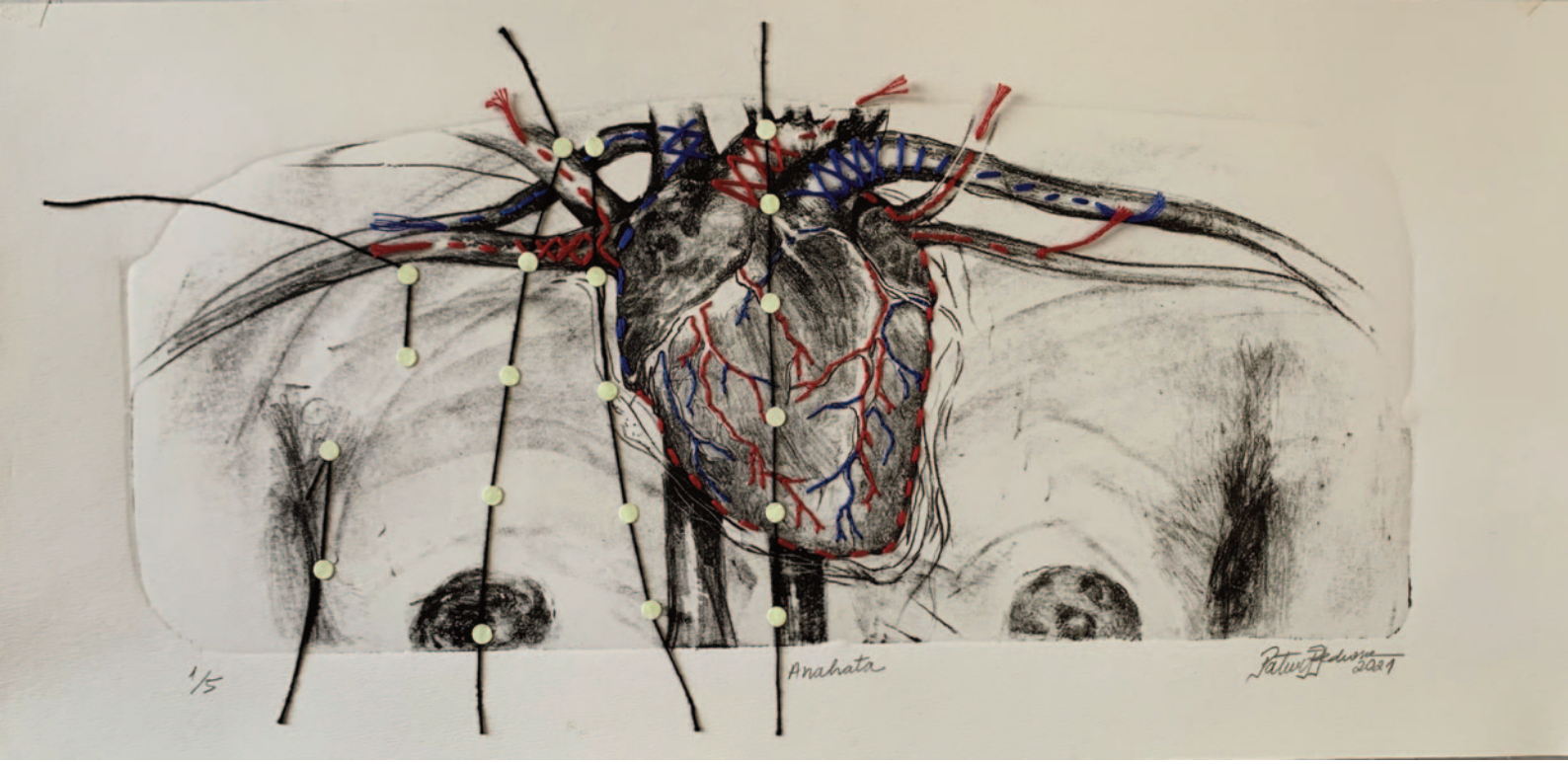
Composta por 20 trabalhos – dezesseis gravuras, uma vídeo-performance, uma cerâmica, um livro de artista e um *sketchbook* – a mostra evidencia o modo como Patrícia Pedrosa expande a gravura para territórios híbridos. Suas obras articulam técnicas variadas, como bordado, colagem, recortes, pintura e procedimentos xerográficos, criando camadas que tensionam superfície e materialidade. O uso de suportes como papel vegetal, tecidos bordados em bastidores e tintas fosforescentes reforça esse interesse por deslocar a tradição gráfica para outros campos de experimentação, produzindo composições que se constroem entre transparências, cortes, marcas e sobreposições.

A pesquisa de Patrícia Pedrosa se estrutura a partir do corpo feminino e das marcas que o atravessam – cicatrizes físicas e simbólicas que se acumulam como registro das experiências somatizadas ao longo dos anos. Durante o período da pandemia de Covid-19, esse campo de investigação ganhou novos contornos. O isolamento em seu ateliê e a ruptura da rotina coletiva intensificaram a percepção da artista sobre finitude, fragilidade e transformação.

Entre os trabalhos apresentados, destaca-se o livro de artista construído a partir de um exemplar da segunda edição de *Conheça o escritor brasileiro Carlos Drummond de Andrade* (1978), recebido por Patrícia ainda na adolescência, como prêmio em um concurso de poesia. O gesto de intervir nesse livro – extraindo palavras e versos para outras composições e devolvendo ao objeto camadas de desenho, recorte e inscrição – insere a literatura como parte constitutiva de sua própria



Livro de artista
Fotos: Divulgação



Anahata, 2021

Foto: Divulgação

memória corporal. O *sketchbook* reunido entre 2021 e 2025 amplia esse campo, abrigando anotações, referências, estudos e passo a passo dos processos que conduziram às obras, revelando a trama íntima entre pensamento e gesto.

A cerâmica apresentada também nasce diretamente do corpo: moldada a partir dos próprios seios da artista, a peça se quebrou em várias partes durante a queima, mas registrou uma fratura mais evidente sobre o seio esquerdo, que havia passado por uma cirurgia em 2017. Mantida guardada por dois anos, a obra foi retomada em 2025; logo depois a artista passou por uma nova intervenção cirúrgica nessa mesma área. Nesse processo, Patrícia reuniu os fragmentos e concluiu a peça, inspirada na estética e no conceito do *kintsugi* — tradição japonesa que evidencia as fissuras ao invés de ocultá-las –, utilizando materiais contemporâneos para promover essa sutura simbólica. Como em toda a série, o tamanho real das peças deriva diretamente das medidas do seu corpo, reafirmando a centralidade da anatomia como matriz e matéria de trabalho. *"A artista decompõe as dimensões do seu corpo em gravura e o expande na figura de uma trindade feminina, deusa tríplice que faz das suas vivências matéria de seu ofício"*, destaca Ana Chaves, que assina o texto crítico que acompanha a mostra.

Ao reunir trabalhos que partem diretamente das medidas e das vivências do próprio corpo, Patrícia Pedrosa aciona uma espécie de cartografia íntima, na qual cada obra opera como registro e reflexão. *"O corpo é o nosso projeto mais honesto – ininterrupto e irrevogável. Ele é redesenhado todos os dias por sentimentos, hábitos, escolhas e interações"*, afirma a artista, para quem o ato de expor o corpo – seja em escala, em gesto ou em memória – amplia o campo dessa pesquisa. Sua produção se aproxima do que ela chama de autobiomórfica; uma forma de dar materialidade às marcas deixadas pelo tempo e pelas somatizações, sem dissociar adoecimento de cura. Ao tornar visíveis essas camadas, a artista desloca a gravura para uma zona em que

anatomia, fantasia e experiência se entrelaçam, produzindo obras que tensionam vulnerabilidade, reconstrução e presença.

As obras inéditas reunidas em *"Eu aos pedaços ou Ainda assim eu voo"* nascem desse tempo suspenso, em que o ritmo da vida sofreu torções profundas e a relação com o próprio corpo se tornou um território ainda mais sensível de observação e elaboração.

SOBRE A ARTISTA

Patrícia Pedrosa (1971, São Gonçalo – RJ) possui bacharelado em Gravura pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994) e atualmente é a docente responsável pela disciplina de litografia na mesma instituição. Participa de individuais e coletivas desde 1992, tendo ministrado cursos, workshops e oficinas. É doutora em Artes Visuais pela EBA – PPGAV – UFRJ e mestre na mesma escola, na linha de História e Crítica da Arte. Em 2025 recebeu Menção Honrosa na *Kitchen Print Biennale de l'estampe* (Épinal, França), uma competição com ênfase em pesquisas artísticas na gravura alternativa e não tóxica. Atualmente se divide entre o trabalho no seu ateliê em Petrópolis (RJ) e o Rio de Janeiro, onde leciona na Escola de Belas Artes – EBA/UFRJ.

SERVIÇO

Eu aos pedaços ou Ainda assim eu voo, de Patrícia Pedrosa
Até 17 de janeiro de 2026
Centro Cultural Correios Rio de Janeiro
Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro, Rio de Janeiro / RJ
Dias/Horários: terça a sábado, das 12h às 19h
Entrada gratuita



Rosto e alma, 2021
Foto: Divulgação

Galeria Pórtico, o novo espaço dedicado à arte contemporânea em São Paulo



Lucimélia Romão, *Mulheres do Lar, Cazumbá para Iansã I*

Foto: Dinho Araújo

Fundada pelos sócios Adolfo Caboclo e Alexandre Zákia, o espaço multidisciplinar abre as portas em 16 de dezembro, com a coletiva O desencaixar das coisas. *Instalada numa charmosa vila de casas na Travessa Dona Paula, no coração de Higienópolis, que é polo de galerias, residências artísticas e espaços culturais no bairro, a galeria chega para transformar a cena artística da cidade*



José Maçãs de Carvalho, *SP Hotel*, 2022

A Pórtico nasce com o compromisso de repensar o papel da galeria de arte na atualidade, operando como um laboratório de práticas artísticas, espaço de investigação e plataforma de circulação de ideias. *"Queremos oferecer ao público um espaço dinâmico de pensamento crítico sobre arte contemporânea, unindo pesquisa, atividades educativas, formação artística e desenvolvimento de mercado"* – afirma Adolfo Caboclo, diretor artístico da Pórtico.

A Travessa Dona Paula foi escolhida por sua consolidação como um dos principais pontos de encontro das artes visuais em São Paulo. Ali, a galeria estará ao lado de importantes espaços culturais do bairro, como A Gentil Carioca, Coleção Moraes-Barbosa, Zielinsky, Sardenberg, ateliê 397, a residência artística Ybytu e a recém-inaugurada Casa Onze (espaço dedicado a um programa de residência internacional), e as editoras Celeste e Piscina Pública Edições.

MOSTRA INAUGURAL: O DESENCAIXAR DAS COISAS

A exposição inaugural da Pórtico, *"O desencaixar das coisas"*, apresenta trabalhos de 16 artistas. Com uma seleção que inclui nomes emergentes e consagrados de distintas gerações e geografias, a mostra serve como um prelúdio para a série de exposições e a programação da galeria no ciclo de 2026, refletindo a amplitude de perspectivas que orientam o projeto.

Participam da mostra coletiva Angela Bassan (São Paulo, 1952), Caio Borges (São Paulo, 1974), Edson Chagas (Luanda, 1977), Gege Mbakudi (Luanda, 1999), Giovanna Mitrani (São Paulo, 1997), Hugo Barata (Lisboa, 1978), Inês Moura (Cascais, 1982), José Maçãs de Carvalho (Anadia, 1960), Laerte Ramos (São Paulo, 1978), Lilian Walker (Americana, 1994), Lucimélia Romão (Jacareí, 1988), Manoel Canada (São Paulo, 1966), Neno del Castillo (Rio de Janeiro, 1956), Omar Khouri (Pirajuí, 1948), Peter de Brito (Gastão Vidigal, 1967) e Ricardo Coelho (São Paulo, 1974).

A exposição conta ainda com fotografias de Lucimélia Romão e do angolano Edson Chagas (vencedor do Leão de Ouro na Bienal de Veneza de 2013) e um vídeo do português José Maçãs de Carvalho (recentemente exposto na Bienal Internacional de Arte de Macau de 2025), além de pinturas, objetos e instalações. A mostra reflete também a interdisciplinaridade da gale-



Omar Khouri, *Soneto,* 1974-79 Foto: Divulgação

ria. Esse aspecto se manifesta na trajetória dos artistas, que poderão desenvolver outras pesquisas durante o ciclo de programação previsto para 2026.

Nomes como o de Omar Khouri, poeta intersemiótico cultuado desde os anos 1970, e Inês Moura – participante da mostra *Atlânticos*, apresentada este ano no Museu da Língua Portuguesa – também deverão atuar em investigações curatoriais e educativas no próximo ano, junto à direção artística de Adolfo Caboclo.

Além de criar um panorama da obra dos novos artistas representados, a exposição *O desencaixar das coisas* instaura uma reflexão sobre o próprio espaço que ocupa, sua forma de reverberar e de coexistir com outros agentes, na cidade e no mundo. Essa condição de *"desencaixe"* sustenta a poética da mostra, estruturada em três núcleos: o primeiro, na sala principal da galeria, absorve e dialoga com fragmentos de instalações, pinturas, vídeo e fotografias, compondo narrativas imagéticas sobre corpos e territórios. O segundo núcleo é dedicado às poéticas tridimensionais; acolhe trabalhos que tensionam a materialidade e evocam memórias do espaço físico. Em contraponto, o terceiro momento valoriza a leveza do papel como suporte: reúne fotografias, desenhos em carvão e poesia intersemiótica em nanquim, configurando um desdobramento sutil e etéreo da exposição.

TIJOLO APARENTE E LUZ NATURAL

Concebido por Noura van Dijk, o projeto arquitetônico transformou os 100 metros quadrados do imóvel em um espaço versátil, que abriga salas expositivas, uma pequena reserva técnica e depósito.

Ao preservar o refúgio urbano da Travessa Dona Paula e o conjunto de sobrados tombados pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental de São Paulo (Conpresp), a proposta mescla o charme dos tijolos aparentes da fachada original com a neutralidade de uma "tela branca", pronta para receber as narrativas visuais.

Para alcançar essa atmosfera, algumas paredes internas foram removidas, de modo a ampliar a circulação e criar mais áreas para as propostas expositivas. O pátio central foi integrado e ganhou uma cobertura retrátil em lâmi-

nas de alumínio, que controla a entrada de luz e a ventilação, funcionando como uma extensão das galerias.

A identidade visual, criada pela designer Tamires Mazzo, reflete os valores da galeria: ser ponto de passagem, encontro e estrutura. O conceito evoca a ideia de portal – porta de acesso à arte e elo entre artistas, público e pensamento crítico. Neste sentido, o logo foi concebido fora do eixo convencional, em um jogo tipográfico que subverte a ordem. Cores expressivas e grafismo vibrante sustentam uma narrativa visual que se expande em todo o sistema de identidade, sem se limitar ao símbolo.

SOBRE ADOLFO CABOCLO

Artista, curador, pesquisador, crítico e poeta paulistano, é mestre em Estudos Curatoriais e doutorando em Arte Contemporânea no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra. Atua como crítico na *Umbigo Online* (Portugal) e curador de diversos projetos expositivos independentes, como o *"Projeto Piccolino"* (Doppo, Coimbra) e *"Uma exposição no escuro"* (Lufapo Hub, Coimbra), além de mostras em instituições como o Museu Nacional de Arte Moderna (Lisboa), Museu Municipal de Coimbra e o MATE Festival (Coimbra). Estudou no Venice Curatorial Course (Veneza).

SOBRE ALEXANDRE ZÁKIA

Gestor e economista natural de São Paulo, graduado pela FEA-USP e especialista em Planejamento Estratégico pela Universidade de Stanford, foi diretor sênior do Banco Itaú – e possui mais de 50 anos de experiência no mercado financeiro. Atuou como vice-presidente da ANBIMA e do Citibank, além de membro do Conselho de Administração da KINEA. Amante das artes, da música e dos vinhos, foi também o criador e gestor do primeiro fundo de vinhos do Brasil (BWF – Bordeaux Wine Fund).

SERVIÇO

Inauguração da galeria Pórtico e abertura da exposição coletiva O desencaixar das coisas
16 de dezembro até 14 de fevereiro de 2026
Pórtico
Travessa Dona Paula, 116, Higienópolis, São Paulo / SP
Dias/Horários: terça a sexta, das 10h às 19h;
sábados, das 10h às 17h

Peter de Brito, *Família 1*, 2023 Foto: Divulgação



A ALMA DO OLHAR DE LEE MILLER



Lee Miller, *Portrait of Space*, Al Bulwayeb near Siwa, 1937

© Lee Miller Archives, England 2025

A retrospectiva dedicada a Lee Miller na Tate Britain afirma-se menos como uma exposição do que como um gesto de restituição – uma tentativa, tardia mas necessária, de reordenar as camadas de uma vida que o século XX insistiu em fragmentar. À medida que avançamos pelas salas, fica evidente que a artista, tantas vezes confinada aos papéis de musa, modelo ou mero satélite do surrealismo, construiu, na verdade, uma obra que atravessou continentes, guerras, linguagens e silêncios.



Lee Miller, *Model Elizabeth Cowell wearing Digby Morton suit*, London 1941
© Lee Miller Archives, England 2025

O seu legado constitui uma obra cuja potência imagética reclama uma gramática crítica renovada – menos complacente, mais rigorosa – e capaz de escutar as fricções que atravessam o seu percurso... É como se, enfim, se abrisse diante de nós o caleidoscópio de vidas que ela conseguiu conter simultaneamente: a experimentadora obstinada, a viajante de errância consciente, a correspondente de guerra que enfrentou a violência da história, a mulher que fez de cada metamorfose uma linguagem visual.

Nascida em 1907, em Poughkeepsie, no Estado de Nova Iorque, Miller cresceu entre câmeras e enquadramentos improvisados pelo pai. Essa iniciação precoce, formadora, marcou de forma indelével a sua relação com a imagem. Seu filho, Anthony Penrose, observa, numa entrevista que ressoa ao longo da exposição: *"Minha mãe carregava histórias que não dizia, mas que estão todas impressas no modo como ela escolhia o que mostrar e o que ocultar na fotografia."*

A mostra recupera essa ambiguidade primordial nos primeiros retratos de moda: imagens que revelam menos a jovem celebridade que dominou as revistas dos anos 1920 e mais uma mulher que já explorava a arquitetura do olhar, como se buscasse, desde cedo, reorientar a direção da própria lente.

A mudança para Paris, no final da década, coloca Miller no epicentro do surrealismo – e, ao mesmo tempo, à margem dele, zona ambígua à qual artistas mulheres da época foram relegadas. Ali, Lee torna-se parceira de Man Ray – não apenas afetiva, mas sobretudo intelectualmente. A neta, Ami Bouhassane, diretora do arquivo da artista, insiste numa correção histórica, que a exposição acolhe com sobriedade: *"Lee não era assistente, era coautora."*



Lee Miller, *David E. Scherman dressed for war*, London 1942 © Lee Miller Archives, England 2025



Lee Miller, *Fire masks,* Downshire Hill, London, 1941 © Lee Miller Archives, England 2025

A solarização, técnica convertida quase numa assinatura de Man Ray, aparece aqui restituída à sua origem colaborativa. Mais do que reivindicar crédito, a curadoria evidencia como Miller trabalhava numa sintonia experimental rara, sempre à caça de um modo de expandir a imagem para além da forma.

Depois, o Egito. Este capítulo, tantas vezes tratado como parêntese biográfico, emerge na Tate com a densidade de um verdadeiro renascimento estético. Instalada no Cairo após se casar com Aziz Eloui Bey, Miller produz algumas das fotografias mais rigorosas e enigmáticas da sua carreira: paisagens onde a luz se transforma em geometria e o espaço parece suspenso entre o documental e o onírico. Bouhassane sintetiza: *"O deserto deu a Lee uma clareza que Paris nunca lhe ofereceu."* A frase não é metáfora: a secura do horizonte egípcio revela um olhar que se liberta de escolas, alinhamentos e tutelas.

Mas é a guerra que irrompe como o eixo mais contundente, e talvez o mais devastador, da exposição. Reinstalada em Londres em 1937, ao lado de Roland Penrose, Miller obtém credenciais de correspondente da Vogue americana e empreende uma travessia que a conduziria das ruínas do Blitz às portas de Dachau e Buchenwald. Suas imagens, projetadas aqui com amplitude e gravidade, recusam qualquer estetização da violência. São fotografias que investigam, não apenas registram; que interpõem humanidade, não apenas distância. Anthony Penrose, numa das reflexões mais incisivas incluídas na exposição, afirma: *"Minha mãe não fotografava para fazer história. Fotografava para impedir o esquecimento."*

A famosa imagem de Miller na banheira de Hitler, tantas vezes repetida de forma sensacionalista, é reapresentada num contexto que restitui sua dimensão ética. Não como provocação, mas como gesto de insurgência íntima no limiar do insuportável. Nas palavras de Penrose: *"Foi o único instante, naquele dia, em que ela conseguiu respirar."*

O pós-guerra, contudo, não oferece redenção. Miller vive reclusa em Farley Farm, mergulha em episódios de depressão profunda, enfrenta em surdina aquilo que hoje nomeamos como stress pós-traumático e acaba por abandonar progressivamente a produção fotográfica. A exposição trata esse silêncio com rara delicadeza: não como desistência, mas como consequência – a reação humana de quem viu demasiado para continuar a olhar através da lente. Penrose descreve esse período com desarmante precisão: *"Ela não perdeu o talento. Perdeu a capacidade de suportar o peso daquilo que viu."*

Ao articular estes capítulos com rigor e sensibilidade, a Tate Britain desmonta décadas de leituras redutoras que preferiram ver Lee Miller enquadrada nos contornos de outros homens; musa involuntária de Ray, figura lateral do surrealismo, exceção acidental no fotojornalismo de guerra. O que se impõe, aqui, é uma artista cuja obra escapa às taxonomias dos movimentos e encontra sua razão na intensidade irrepetível de uma vida que percorreu as zonas mais sombrias do século.

No final, talvez a frase mais luminosa seja a de Ami Bouhassane:
"Lee sempre esteve atrás da imagem. Só demoramos muitas décadas a compreender que era ali, justamente ali, que ela reinventava o mundo."

SERVIÇO
Lee Miller
Até 15 de fevereiro de 2026
Tate Britain
Millbank, London SW1P 4RG
https://www.tate.org.uk/whats-on/tate-britain/lee-mille



Lee Miller, *Untitled*, Paris 1930
© Lee Miller Archives, England 2025



Marcela Cantuária, *2° Salão Latino-americano y Caribeño de Artes, Salão das Mulheres,* 2025

Foto: Vicente de Mello

SOLAR DOS ABACAXIS – 10 ANOS

Entre as comemorações, a maior exposição de sua trajetória, nova identidade institucional e inauguração da Sala de Leitura

No último ato das comemorações pelo seu aniversário de dez anos, o Solar (dos Abacaxis) fecha a temporada de 2025 com a abertura da exposição *"Irradiar: para construir instituições da gente"*. Em cartaz a partir do dia 6 de dezembro – com festa pública que se expande para a rua – a mostra reúne aproximadamente 40 trabalhos de mais de 30 artistas e ocupa integralmente os três andares de sua sede na Rua do Senado, no Centro do Rio, eleita pela revista *Time Out* a rua mais *cool* da cidade.

IRRADIAR: PARA CONSTRUIR INSTITUIÇÕES DA GENTE

A maior exposição já realizada pelo Solar – fruto da curadoria de Bernardo Mosqueira, Matheus Morani e Camilla Rocha Campos – faz parte do programa de dois anos dedicado à ideia de liberdade e aprofunda o debate sobre arte, institucionalidade e futuro. As obras reunidas na mostra levantam perguntas centrais sobre o papel e o significado das instituições de arte: *"Por que fazemos instituições de arte?", "Que papéis elas cumprem na vida coletiva?"* e *"Como imaginar formas institucionais que sejam, ao mesmo tempo, críticas, generativas e comprometidas com a liberdade coletiva?"*

"A mostra faz parte do nosso programa de dois anos investigando a liberdade; e pensa a relação entre arte, institucionalidade e liberdade – formas de fazer uma instituição a partir de trabalhos de artistas, sobretudo nos campos da crítica institucional, da imaginação institucional e da construção institucional", explica Bernardo Mosqueira, diretor artístico do Solar. *"O sistema institucional que recebemos é falho e merece ser criticado. O que desejamos para as próximas gerações é entregar instituições melhores. Essa é a base da exposição."*

O percurso foi projetado para reimaginar a própria arquitetura da sede; e a curadoria organizou a exposição a partir de núcleos que articulam memória, institucionalidade crítica, imaginação e práticas de coletividade. Uma das frentes reúne projetos de museus imaginados por artistas. O recorte inclui trabalhos que inventam ou reencenam instituições, como na obra de Emanuel Araújo sobre o Museu Afro de São Paulo; documentos que recuperam a história e as propostas do Museu de Arte Negra, a partir da obra de Abdias Nascimento, e o MUTHA — Museu Transgênero de História e Arte, de Ian Habib.

Em outra direção, aparecem projetos que acionam a memória afetiva e coletiva, como o "Museu de la Madre" (MAMA), de Paulo Nazareth, que convida o público a desenhar as próprias mães – biológicas, espirituais e ancestrais – como gesto de invenção de memórias e pertencimentos. A seleção também incorpora gestos de leitura crítica do espaço museológico, como é o caso de *"Parede Niemeyer"*, de Ana Maria Tavares.

O núcleo dedicado a representações de poder e visualizações institucionais transforma estruturas abstratas em formas sensíveis que o visitante pode ler, atravessar e discutir. Nele dialogam uma obra de Vik Muniz, diagramas de Luiza Crosman, grafismos de Yhuri Cruz sobre ciclos de poder e influência, e o grande diagrama de Ricardo Basbaum – diretamente relacionado à prática institucional do Solar.



Paulo Nazareth, *Andava ereta mas subia em árvores como eu*, 2025
Foto: Gui Gomes

Já o trecho que aborda memória, violência e arquitetura do Estado revisita o incêndio do Museu Nacional e suas implicações para a preservação do patrimônio, com obras de Anna Bella Geiger, Gala Porras-Kim, Gustavo Caboco e Família Wapichana. Outro recorte do núcleo aborda Brasília e as instituições democráticas, incluindo reflexões sobre os ataques de 8 de janeiro e a forma como a arquitetura e o urbanismo codificam poderes e exclusões.

A mostra reúne peças históricas, obras inéditas e projetos criados especialmente para o Solar, formando um corpo que articula passado, presente e futuro da instituição. Um dos eixos fundamentais é a remontagem de *"Faça você mesmo: território e liberdade"* (1968), de Antônio Dias – a primeira obra exibida pelo instituto, há uma década. Agora pensada para ocupar a rua, ela se transforma em gesto de expansão simbólica do território institucional, reafirmando a vocação do Solar de tensionar a fronteira entre o que está dentro e o que está fora.

Outros destaques são a pintura inédita de Marina Perez Simão, criada especialmente para a exposição, e o grande painel de Marcela Cantuária, que ocupa uma das salas centrais, povoado por mulheres latinas e caribenhas. Já o novo trabalho de Ricardo Basbaum estabelece uma ponte entre a prática institucional do Solar e sua inserção no território do Rio de Janeiro. A obra concretiza uma das perguntas centrais da mostra: *"Como tornar visíveis (e negociáveis) as relações de poder, afeto e responsabilidade que estruturam uma instituição cultural?"*



Marina Perez Simão, Sem título, 2024. Foto: Gui Gomes

"Creio que seja a maior exposição já feita no Brasil sobre crítica, imaginação e construção institucional", afirma Mosqueira. *"A ambição do projeto é abrir uma perspectiva de revisão e projeção. A ideia é olhar para o que as instituições fizeram, reconhecer suas falhas e imaginar futuros possíveis"*.

SALA DE LEITURA

Ainda como parte das festividades, o instituto inaugura sua Sala de Leitura, um acervo de livros e ideias, sob curadoria de Beatriz Lemos, com foco em temas como arte, liberdade, teoria crítica, ecologias *queer* e educação. O Solar dos Abacaxis tem patrocínio master do Instituto Cultural Vale e patrocínio prata do Mattos Filho via Lei Federal de Incentivo à Cultura. O Programa Educativo tem patrocínio ouro do BTG Pactual via Lei Municipal de Incentivo à Cultura.

SERVIÇO

Irradiar: para construir instituições da gente
Abertura para apoiadores e patrocinadores: 5 de dezembro
Abertura e festa de aniversário aberta a todes: 6 de dezembro
Até março de 2026
Solar | Mercado Central
Rua do Senado, 48, Centro, Rio de Janeiro / RJ
Dias/Horários: quarta a sábado, das 10h às 18h

“Rusá – Devoção e Celebração”: exposição fotográfica leva o encanto da Festa do Rosário do Serro ao Museu da Inconfidência, em Ouro Preto



Nandim, Catopê
Foto: Tiago Aguiar

Projeto é resultado de dez anos de pesquisa e intimidade do fotógrafo mineiro Tiago Aguiar com a Festa do Rosário do Serro e os sujeitos que a mantêm viva; gratuita, a mostra reúne fotografias e instalações táteis e sonoras

Repleta de cores vibrantes, histórias, danças e tradições seculares, a Festa do Rosário é um rito religioso que se espalha por um tecido social completo, responsável por unir gerações em Minas Gerais, que encontram em Nossa Senhora do Rosário uma devoção inexorável, enraizada na cultura brasileira. No Serro, importante rota do ciclo do ouro, a celebração acontece desde 1716, pelo menos – e é carinhosamente apelidada de festa *"du Rusá"*. Essa é a palavra imagética que conduz a exposição *"Rusá: Devoção e Celebração"*, do fotógrafo mineiro Tiago Aguiar, que acontece na Sala Manoel da Costa Ataíde, do Museu da Inconfidência, em Ouro Preto.

Natural do Serro, no Vale do Jequitinhonha, Tiago Aguiar convive com a Festa do Rosário desde criança. Ainda jovem, deixou a terra natal para estudar e trabalhar em Nova York (EUA); mas, como ele diz, *"o Rusá nunca saiu de mim"*.

Em 2010, de volta à cidade, retomou o contato com a celebração, agora com uma câmera nas mãos e um olhar mais aguçado. – *O Rusá é um ímã: de som, com forma e movimento. Fui atraído!* – diz Tiago. – *No primeiro ano foi um maravilhamento, porque é uma experiência visual muito potente. No ano seguinte, eu já vim com outra intenção; estudei um pouco mais, pesquisei, comecei a ouvir quem faz a festa* – lembra.

Ao longo de dez anos de pesquisas, entre 2010 e 2020, Tiago registrou e conviveu intensamente com os protagonistas que mantêm viva a tradição da Festa do Rosário no Serro – entre dançantes, rainhas, viajantes, benzedeiros e comerciantes. Em 2019, o fotógrafo passou a integrar o grupo dos catopês, um dos principais congados da celebração. Junto aos marujos e caboclos, os catopês formam o Congado da Festa do Rosário, com suas fardas coloridas, adornadas com fitas, bordados e



Selos comemorativos. Da esquerda para a direita: Rainha Rosiane, Seu Bastiãozinho das Lajes, Seu Ildeu Coqueiro e Miguel



Dançantes. Da esquerda para a direita: Theo Caboclo, Amaracy Marujo e Bastião Catopê

tecidos brilhantes – que transformam as ruas da cidade em uma manifestação de cores vivas e intensas.

– *Cultivei amizades com alguns mestres do Congado e eles iam me apontando os caminhos de saberes ancestrais. Foi nesse percurso de aproximação e aprendizado que minha devoção também cresceu. O envolvimento com a festa deixou de ser apenas pesquisa ou afeto de infância; passou a ser prática espiritual, de identificação e compromisso* – explica o fotógrafo.

A exposição em Ouro Preto é uma realização do Ponto de Cultura Movimento Áurea, da cidade do Serro, que tem como finalidade o desenvolvimento de ações voltadas ao estímulo das manifestações artísticas e culturais, à preservação e valorização do patrimônio cultural mineiro e à inclusão de minorias historicamente excluídas do acesso às formas artísticas de expressão de valores culturais.

ENTRE O SERRO E OURO PRETO: DEVOÇÃO HISTÓRICA

Depois de ser apresentada a céu aberto no percurso da procissão, pelas ruas do Centro Histórico na festa deste ano, e também na *Uncool Gallery*, em Nova York (EUA), em 2024, a exposição *"Rusá: Devoção e Celebração"* chega agora a Ouro Preto, considerada uma cidade-irmã do Serro.

De acordo com Ariel Lucas Silva, doutor em História pela UFMG e um dos diretores do Movimento Áurea, as duas celebrações também se destacam pela continuidade histórica e institucional: a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Ouro Preto foi formalizada em 1715. E no Serro, desde 1715 já se elegiam reis e rainhas do Rosário – e a irmandade foi formalizada em 1728. Essa proximidade temporal indica a rápida difusão da devoção pelo território das Minas, sustentada por redes de sociabilidade que ultrapassavam fronteiras paroquiais.

TRAJETÓRIA DO RUSÁ:
DANÇANTES, VIAJANTES E QUERMESSES

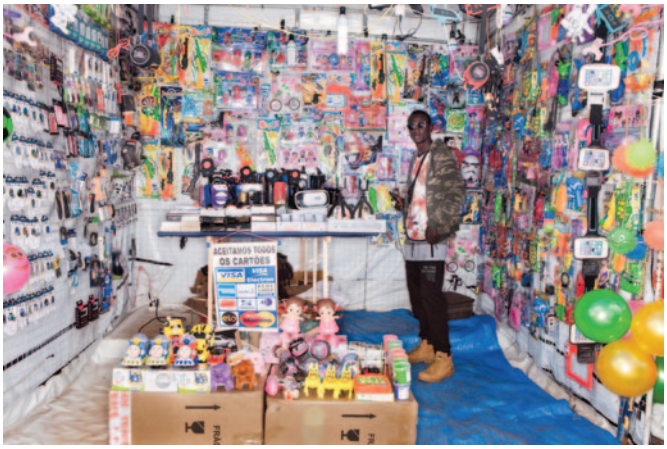
Com um conjunto de 30 fotografias, instalações táteis e audiovisuais, a exposição é dividida em quatro eixos

temáticos: *"Dançantes", "Caravana", "Quermesse"* e *"Iá du rusá"*. Ao criar imagens capturadas propositalmente com flash, Tiago Aguiar joga luz sobre a individualidade dos protagonistas da Festa do Rosário do Serro. – *As fotos contam diferentes camadas da festa, mas todas focadas em evidenciar as pessoas que constroem a celebração* – diz.

Em ***Dançantes***, após fotografar por anos os marujos, caboclos e catopés pelas ruas da cidade durante a festa, com suas fardas coloridas, surgiu o desejo de fazer fotografias mais pessoais, em estúdio. – *Essa mudança proporciona maior intimidade e gera uma presença mais forte dos fotografados na produção da imagem* – descreve o fotógrafo.

– *Em **Iá du rusá**, ao reencontrar os fotografados para entregar o resultado da nossa sessão anterior, criamos um novo retrato com as mesmas pessoas, sem as vestimentas tradicionais – em suas casas, como são no dia-a-dia. É uma forma de lembrar que, por trás do brilho, existe o ser humano, o devoto, o trabalhador. E existe também um conhecimento de vida profundo, que é fruto da tradição do Rosário* – analisa Tiago Aguiar.

Na série ***Caravana***, Tiago se volta aos impactos do crescimento econômico da celebração, que atrai viajantes e comerciantes de várias partes do Brasil e do mundo. – *Hoje, o Rusá se apresenta como ponto de encontro de comerciantes informais, que cruzam todo o estado* – conta. – *Já encontrei gente do Equador, do Senegal, que vende de tudo – roupa, calçado, eletrônico. A festa sempre foi um espaço de trocas culturais. Ela fala muitas línguas, conserva tradições, mas está aberta ao novo, em torno de uma mesma fé* – diz Tiago.



Caravana. Baciro, MG

Já o eixo ***Quermesse*** atualiza a antiga caracterização da festa, que era feita com barracas artesanais de bambu – hoje substituídas por estruturas de metal pré-fabricadas – e dos retratistas, comuns nas festas populares.
Para isso, o fotógrafo criou uma instalação inspirada nas antigas quermesses da cidade: com lonas, cartazes lambe-lambe e até monóculos, que remontam à tradição fotográfica que foi bastante popular no Brasil entre as décadas de 1970 e 1980, na qual as fotos podem ser vistas por meio de um pequeno dispositivo mediador de imagem – o monóculo – que cabe no bolso. – *O monóculo é uma forma de transportar a pessoa para dentro da cena; é muito íntimo. Então, é uma interação muito interessante para os visitantes. Algumas fotos da mostra podem ser vistas por meio deste caráter mais afetivo* – avalia Tiago.

A FESTA DO ROSÁRIO: VOZES, HISTÓRIAS E FÉ

Além das fotografias, a exposição também convida o

público a ouvir as vozes do Rusá. Por meio de áudios e QR Codes, o visitante pode escutar histórias e ensinamentos de personalidades centrais da festa – como Sebastião Lopes Ramos, conhecido com Seu Bastiãozinho das Lajes, e seu Ildeu Coqueiro, dois antigos benzedeiros do Serro – assim como as experiências da Heloísa, dona do "Bar Defunto", uma das lendárias barracas montadas no Largo do Rosário.

SOBRE TIAGO AGUIAR

Nascido em 1983, no Serro (MG), Tiago Aguiar viveu na cidade até os 15 anos, quando se mudou para Belo Horizonte. Formado em Comunicação Social, especializou-se em fotografia no *Hallmark Institute of Photography* (Massachusetts, EUA). Trabalhou como fotógrafo comercial em Nova York antes de retornar ao Brasil, em 2009, para se dedicar à pesquisa sobre a Festa do Rosário de sua cidade natal. Desde então, vem realizando projetos que unem arte contemporânea, religiosidade popular e memória coletiva.

SERVIÇO

"Rusá: Devoção e Celebração", de Tiago Aguiar
Até 22 de fevereiro de 2026
Museu da Inconfidência
Sala Manoel da Costa Ataíde
Praça Tiradentes, 139, Centro Histórico de Ouro Preto, Ouro Preto / MG
Dias/Horários: de terça a domingo, das 10h às 18h (última entrada às 17h)
Entrada gratuita
Acompanhe o projeto no Instagram:
https://www.instagram.com/rusa.mostra/

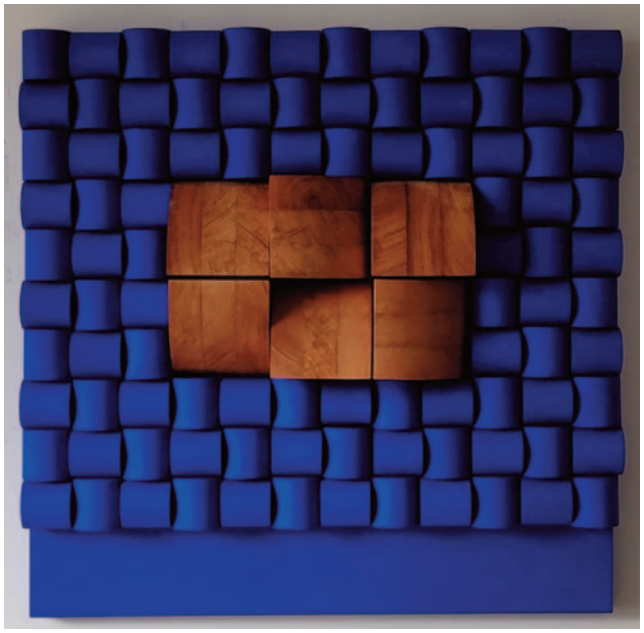


Quermesse. Geraldo e Alex, MG

Nas Cataratas do Iguaçu/PR, espetáculo natalino inédito; atividades culturais em Belém/PA, e no eixo Rio-São Paulo, música, cinema, teatro e exposições. Confira aqui as melhores opções e aproveite!

EXPOSIÇÕES

"A COR NO ESPAÇO BAILARINO", DE JOÃO CARLOS GALVÃO – GALERIA PATRICIA COSTA, RJ



In a Sentimental Mood, 2024 Foto: Divulgação

A *"geometria poética"* de João Carlos Galvão – luminosa e musical, como define Fabio Magalhães no texto que acompanha a nova exposição – ganha novos contornos às vésperas dos 85 anos do artista, a serem celebrados em 2026. *"A cor no espaço bailarino"* reúne dez relevos em acrílica sobre madeira e dez gravuras em metal, produzidos entre 2024 e 2025. Entre as obras, surgem títulos como *"Funny Face", "Insensatez", "Suas Mãos", "In a Sentimental Mood", "Rio Tamisa", "Piccadilly Circus"* e *"Lindeza"* – nomes que evocam músicas e lugares marcantes para Galvão, como é característico em sua poética. Com mais de meio século de trajetória, o artista mantém hoje uma rotina de criação intensa em seu ateliê em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, onde continua a explorar a vibração da cor e o movimento do espaço.

Até 13 de dezembro / Galeria Patricia Costa / Av. Atlântica, 4.240, lojas 224 e 225, Copacabana, RJ / Segunda a sexta, das 11h às 19h; sábados, das 11h às 17h / Entrada gratuita / Classificação livre

"RENDANDO HISTÓRIAS" – MUSEU A CASA DO OBJETO BRASILEIRO, SP

A mostra celebra quase vinte anos de trajetória do coletivo Rendeiras da Aldeia, formado por mães e mulheres de Carapicuíba (SP) que, desde 2006, se reúnem para exercitar, produzir, preservar e difundir as tradições do ofício que trouxeram de suas regiões de origem – especialmente Pernambuco e Paraíba: a Renda Renascença. A exposição se organiza em dois eixos centrais: o trabalho das rendeiras e a relação do grupo com a festa do Cavalo-Marinho, manifestação trazida por migrantes pernambucanos e reinventada em Carapicuíba como o "Boizinho da Aldeia". Essa celebração inspira a criação de máscaras de renda que representam personagens da cultura popular, entre eles Mestre Ambrósio, Empata-Samba e Catirina.

Até 11 de janeiro de 2026 / Museu A CASA do Objeto Brasileiro / Av. Pedroso de Morais, 1216, Pinheiros, São Paulo, SP / Quarta a domingo, das 10h às 18h / Entrada gratuita / https://www.acasa.org.br/



Foto: Divulgação

"AMAZÔNIDAS" – CENTRO CULTURAL CORREIOS RJ

O Instituto Mulheres Artistas da Amazônia chega ao Rio de Janeiro para apresentar *"Amazônidas"* no Centro Cultural Correios RJ, com o propósito de fortalecer e dar visibilidade à rica produção artística feminina da região. Com curadoria de Renata Costa, a mostra reúne nove artistas e aproximadamente 30 obras, propondo uma reflexão profunda sobre a identidade cultural amazônica por meio de diferentes linguagens – pintura, fotografia, instalação e escultura. Inspirado pelo movimento gerado em torno da COP30, realizada em Belém, o projeto ganha fôlego ao reunir criadoras que compartilham vivências, memórias e perspectivas sobre a Amazônia contemporânea. Suas obras dialogam com temas como ancestralidade, biodiversidade, religiosidade, cotidiano ribeirinho e o patrimônio arquitetônico legado pelos colonizadores. Artistas participantes: Andréa Noronha, Aracely Miranda, Ariany Machado, Cristina Gemaque, Maria Libonati, Milene Fonseca, Paula Guedes, Renata Costa e Rosana Uchôa.

Abertura: 10 de dezembro, das 16h às 19h; até 21 de fevereiro de 2026 / Centro Cultural Correios Rio de Janeiro, Corredor Cultural, Galeria B, Térreo / Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro, RJ / Terça a sábado, das 12h às 19h / Entrada gratuita

Obra de Rose Maiorana Foto: Divulgação



"CARMEN, EMBAIXATRIZ DO SAMBA" – CENTRO CULTURAL JOÃO NOGUEIRA – IMPERATOR, RJ

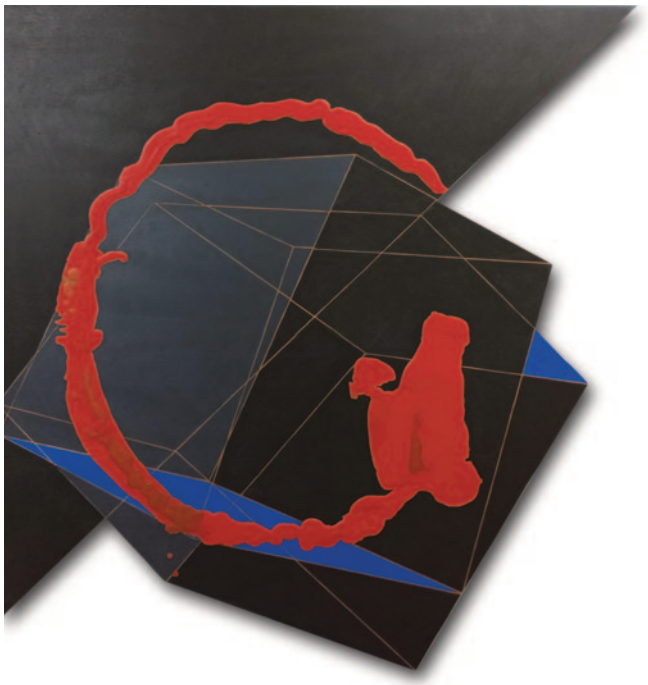
A exposição presta uma homenagem vibrante à trajetória cinematográfica e artística da Pequena Notável. Gratuita, a mostra resulta de uma parceria entre o Imperator e o Museu Carmen Miranda, ambos equipamentos culturais da Fundação Anita Mantuano de Artes do Estado do Rio de Janeiro (Funarj). A mostra revela o início da carreira internacional de Carmen Miranda, destacando sua presença marcante no cinema e sua influência duradoura na cultura brasileira e mundial. Entre os itens apresentados estão recriações de figurinos icônicos usados em filmes como *"Banana da Terra"* (1939) e *"Serenata Tropical"* (1940), além do traje da célebre apresentação no Cassino da Urca, que consolidou Carmen como a inesquecível *Brazilian Bombshell*. Com curadoria da equipe do museu, o grande destaque do acervo é a reprodução em 3D da máscara mortuária de Carmen Miranda – um recurso inédito que aproxima o visitante, de forma sensível e respeitosa, da memória da artista. Fotografias, discos, partituras, revistas e objetos originais completam o percurso, revelando diferentes facetas de sua vida e obra.

Centro Cultural João Nogueira – Imperator / R. Dias da Cruz, 170, Méier, Rio de Janeiro, RJ / Segunda a domingo, das 13h às 22h / Entrada gratuita



reprodução em 3D da máscara mortuária de Carmen Miranda
Foto: Divulgação

“GILBERTO SALVADOR – GEOMETRIA VISCERAL”
PAÇO IMPERIAL, RJ



Curva vermelha, 2020 Foto: Gil Salvador

O Paço Imperial inaugura, no dia 9 de dezembro, a exposição *“Geometria Visceral”*, que apresenta um amplo panorama da produção mais recente do artista paulistano Gilberto Salvador. Com curadoria de Denise Mattar, a mostra reúne aproximadamente 40 obras – entre pinturas, esculturas e vídeos – distribuídas pelos três salões do segundo pavimento do Paço. Há 17 anos sem expor no Rio de Janeiro, Gilberto Salvador mantém uma relação afetiva com a cidade, refletida em trabalhos que dialogam com sua paisagem. Atento à acessibilidade, o artista – que enfrenta dificuldades de locomoção devido à paralisia infantil sofrida aos nove meses de idade – criou duas esculturas táteis especialmente para a mostra, convidando o público a uma experiência sensorial direta. *“Acho fundamental que o visitante possa tocar as obras”*, afirma. O título *“Geometria Visceral”* traduz a essência de seu processo criativo. *“O que mais me chama a atenção em sua obra – e que motivou o nome da exposição – é a permanência da geometria e do construtivismo, mesmo nas peças iniciais, marcadas pelo espírito da Pop Arte”*, explica Denise Mattar. *“Sempre há, porém, o contraponto de uma forma orgânica, presente em toda a trajetória de Gilberto.”*

Abertura: 9 de dezembro, das 15h às 19h / Visitação: até 1º de março de 2026 / Centro Cultural do Patrimônio Paço Imperial / Praça Quinze de Novembro, 48, Centro, Rio de Janeiro,RJ / Terça a domingo e feriados, das 12h às 18h / Entrada gratuita

CINEMA

LONGA “BOLA PRO ALTO!” CHEGA AO STREAMING E AO CANAL BRASIL

Depois de percorrer festivais de cinema e esporte em diferentes países e conquistar o Prêmio Especial de Melhor Longa-Metragem no Sports Movies& TV – Milano International FICTS Fest, considerado o Oscar do cinema esportivo, o documentário *Bola Pro Alto!*, dirigido pela cineasta Cecília Lang, chega à TV pelo Canal Brasil e nas plataformas de streaming (Claro TV e Vivo Play), a partir de 4 de dezembro. No mesmo dia, uma exibição pública no Rio de Janeiro marcará a chegada do filme e da trilha sonora original, assinada pelo músico Rodrigo Sha, nas plataformas. Produzido pela Lúdica e Viralata, com distribuição da Bretz Filmes, o filme acompanha a trajetória da altinha, jogo coletivo que nasceu nas areias cariocas e hoje é praticado em praias, parques e quadras de diversas cidades do Brasil e do mundo – de Brasília a Israel. Mais do que um esporte, a altinha é retratada no filme como um modo de vida: livre, colaborativo e guiado pelo prazer de manter a bola no ar. Entre as muitas transformações que o filme registra, destaca-se a crescente participação feminina, hoje presente em todas as praias e campeonatos – que exigem pelo menos uma jogadora em cada equipe. Para Cecília Lang, essa presença simboliza uma vi-

rada importante: *"A altinha se tornou um espaço de encontro e empoderamento. É o retrato de uma geração."*

Exibição: Canal Brasil e plataformas Claro e Vivo (a partir de 4/12/2025)



Foto: Still

TEATRO

"PROFESSOR SAMBA" – O LEGADO DE ISMAEL SILVA NO IMPERATOR

Em celebração à cultura do samba, o espetáculo *"Professor Samba – Uma Homenagem a Ismael Silva"* convida o público a mergulhar no universo boêmio do Rio de Janeiro entre as décadas de 1920 e 1950, percorrendo ritmos, rodas e histórias dos bairros da Lapa e do Estácio. A montagem narra a trajetória de Ismael Silva, figura central na formação das primeiras escolas de samba e na consolidação da música popular brasileira. Com texto de Ana Velloso e direção artística de Édio Nunes, a encenação reúne os atores Édio Nunes, Jorge Maya e Milton Filho, que reencarnam o "Professor Samba" e se desdobram em personagens que marcaram a história do gênero. A peça também evidencia a força do samba como cultura de resistência e expressão da identidade negra, propondo uma reflexão sobre arte, memória e pertencimento. Mais do que uma homenagem, *"Professor Samba"* oferece uma imersão em um dos períodos mais férteis da música brasileira. Misturando canções, narrativa e poesia, o espetáculo revisita o berço do samba urbano carioca e reafirma seu legado como manifestação viva e potente.

10, 11 e 12 de dezembro / Imperator – Centro Cultural João Nogueira / R. Dias da Cruz, 170, Méier, Rio de Janeiro, RJ / Horário: 19h / Ingressos: R$ 5,00 (inteira) e R$ 2,50 (meia-entrada)

Foto: Divulgação



ESPETÁCULO

ORQUESTRA À BASE DE ÁGUA – ESPETÁCULO INÉDITO DE NATAL – PARQUE NACIONAL DO IGUAÇU

As Cataratas do Iguaçu, uma das Sete Maravilhas Naturais do Mundo, serão o cenário de uma celebração natalina inédita. De 4 a 7 de dezembro, a Urbia+Cataratas realiza o *"Cataratas de Natal – O Canto das Águas"*, um espetáculo que une música, teatro, emoção e a força da água no coração do Parque Nacional do Iguaçu. A grande atração será a apresentação da orquestra paraguaia *H2O Sonidos de La Tierra*, reconhecida mundialmente por criar melodias a partir de instrumentos que utilizam a água como fonte sonora – uma experiência artística rara e profundamente conectada ao espírito e à energia das Cataratas. Assinado pelo *Hydro Water Show*, o musical *"O Canto das Águas"* conduz o público por uma experiência sensorial desde a chegada ao parque. Envolvidos pela luz do pôr-do-sol nas Cataratas, os visitantes assistem a um espetáculo que integra arte, natureza e o elemento água em uma

narrativa que celebra a vida e a força do planeta. Além da apresentação principal, até 26 de dezembro o Parque Nacional do Iguaçu recebe os visitantes com uma programação especial de Natal, que inclui números musicais, ambientações temáticas e pontos instagramáveis distribuídos pelos espaços de visitação.

Cataratas de Natal – O Canto das Águas (HydroWater Show) / de 4 a 7 de dezembro /Parque Nacional do Iguaçu – Cataratas do Iguaçu / Venda de ingressos: https://tickets.cataratasdoiguacu.com.br/





Sonidos de La Tierra Fotos: Divulgação

MÚSICA NO ASSYRIO – THEATRO MUNICIPAL RJ
KABARETT AO REVÉS - DIA 7 DE DEZEMBRO

Devido ao grande sucesso, o espetáculo *"Kabarett ao Revés"* está de volta dentro da programação *Música no Assyrio*, do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Formado por integrantes da vanguarda artística do TMRJ e com direção, roteiro e coreografia de Roberto Lima, o espetáculo reúne música, dança e teatro, rompendo paradigmas etários ao destacar artistas 60+. A obra nasceu do desejo da bailarina Irene Orazem de celebrar seus 70 anos de carreira no Municipal e transformou-se em uma homenagem à longevidade, à criatividade e à resistência de artistas que dedicaram suas vidas à arte. Repertório: *La Vie em Rose* (Edith Piaf) / *What Keeps Mankind Alive* (Tom Waits) / *Overture Johnny's Melody / Johnny Johnson Medley* (Kurt Weill) / *The Cannon Song* (Kurt Weill) / T*he Ballad of the Soldier's Wife* (Kurt Weill) / *Youkali Tango* (Kurt Weill) / *Padam, Padam* (Édith Piaf) / *Milord* (Édith Piaf) / *Ballad of the Mac the Knife* (Kurt Weill).

Música no Assyrio – Kabarett ao Revés / 7 de dezembro, domingo, 11h / Theatro Municipal do Rio de Janeiro – Centro / Entrada pelo Boulevard da Av. Treze de Maio / Preços populares: R$ 40 (inteira) e R$20 (meia-entrada) na bilheteria do Theatro ou através do site www.theatromunicipal.rj.gov.br / Classificação: Livre



Foto: Isabel Torres

ATIVIDADES CULTURAIS

CAIXA CULTURAL BELÉM LANÇA EXPERIÊNCIA IMERSIVA "SLOW DAY ART" NA EXPOSIÇÃO PAISAGENS EM SUSPENSÃO

Inspirada no movimento internacional *Slow Art Day*, a atividade convida o público a desacelerar e dedicar mais tempo à contemplação das obras da mostra *Paisagens em Suspensão*, aprofundando a percepção dos temas explorados pela exposição.

Em pequenos grupos, os visitantes observam algumas obras por até dez minutos cada, em silêncio, acompanhados por mediadores. Ao final, participam de uma conversa guiada pelo Prof. Carlos Lin, que estimula o compartilhamento de impressões, sensações e descobertas. Artista visual, professor de história da arte e curador independente, Carlos atua em programas educativos pelo Brasil, promovendo diálogos entre arte, educação, filosofia e história. Vive e trabalha em Brasília.

Em paralelo, serão realizados três bate-papos com mediação de Simone Bibian.

– *08 de dezembro* (segunda), 10h30: com os curadores Daniel Barretto e Daniela Matera, e o artista Sérgio Allevato.

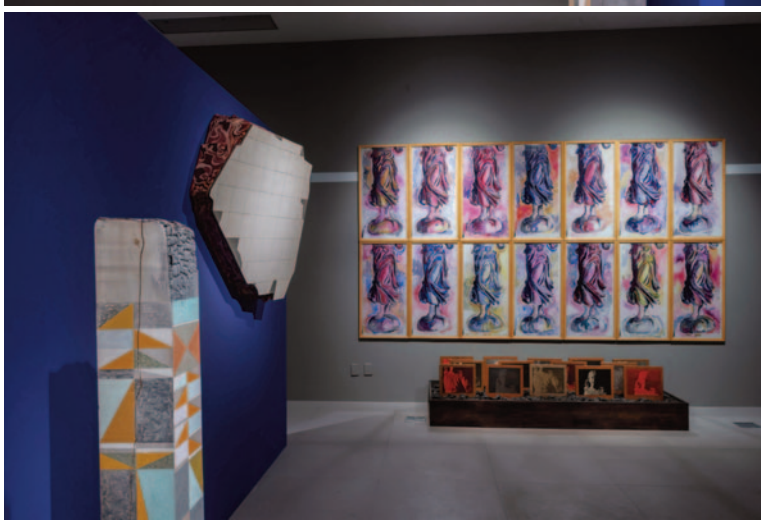
– *12 de dezembro* (sexta), 10h30: conversa sobre a expografia da mostra, com os curadores e o arquiteto Gero Tavares.

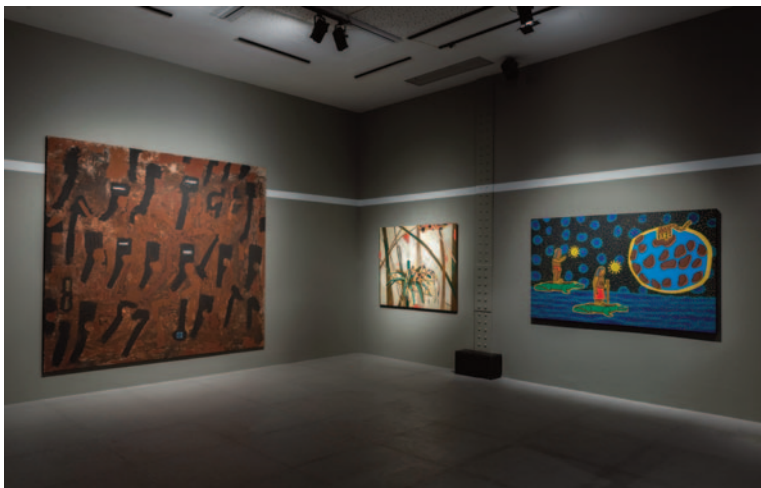
– *16 de dezembro* (terça), 10h30: encontro com os curadores e o artista visual Marcos Roberto.

A proposta reforça o compromisso da CAIXA com ações educativas inovadoras, e acessíveis, oferecendo ao público um momento de pausa, reflexão e atenção plena – em sintonia com as questões da exposição, que aborda territórios, deslocamentos, memórias e a noção de suspensão.

Slow Day Art, 06/12, 11h e 16h / Bate-papos: 08, 12 e 16/12, 10h30 / CAIXA Cultural Belém / Av. Mal. Hermes, S/N, Armazém 6, Porto Futuro II, Umarizal, Belém, PA / Entrada gratuita







Fotos: Vicente de Mello


IBRAM e CAIXA CULTURAL apresentam
paisagens em
SUSPENSÃO
Curadoria de Daniela Matera e Daniel Barretto
09.OUT.2025 a
18.JAN.2026
Terça a Domingo, das 11h às 22h
Recorte do quadro Café, de Candido Portaria (1935), MNBA/RJ
L
Livre
CAIXA Cultural Belém
Av. Mal. Hermes, S/N – Armazém 6 – Umarizal, Belém, PA
Telefone: (91) 3397-9390
caixacultural.gov.br | @caixaculturalbelem
PRODUÇÃO:
PROJETO:
APOIO:
PATROCÍNIO:
REALIZAÇÃO:
MINISTÉRIO DA CULTURA
GOVERNO DO BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO